



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE  
CURSO: PSICOLOGIA

# FATORES QUE INFLUENCIAM NA MOTIVAÇÃO DE PROFESSORES

JACQUELINE LOPES BARREIROS

Brasília, Junho/2008

JAQUELINE LOPES BARREIROS

# FATORES QUE INFLUENCIAM NA MOTIVAÇÃO DE PROFESSORES

Monografia apresentada como  
requisito parcial para conclusão do  
curso de Psicologia do UniCEUB –  
Centro Universitário de Brasília  
Prof<sup>a</sup>. orientadora: Dr<sup>a</sup>. Eileen  
Pfeiffer Flores  
Prof<sup>a</sup>. co-orientadora: Dr<sup>a</sup>. Maria  
Eleusa Montenegro

Brasília, Junho de 2008

*Este trabalho primeiramente é dedicado a minha pessoa, por todo meu esforço e dedicação. Dedico-o também a minha professora Eileen por toda a ajuda, competência e dedicação, que mesmo com todos os imprevistos que passou, nunca deixou de estar presente nos momentos certos. Dedico, além destes a todos os professores que lutam diariamente pela educação e que na maioria das vezes não vêem seu esforço reconhecido.*

Meu agradecimento vai primeiramente aos meus pais, que me criaram da melhor maneira possível, sempre me incentivaram aos estudos e transformaram meu sonho de cursar o ensino superior em realidade.

Agradeço ao Senhor nosso Deus por me dar força, inteligência, paciência e estabilidade emocional para superar as dificuldades do curso e por não me deixar desistir nos momentos em que cheguei a duvidar de minha capacidade.

Agradeço também a todos os amigos que estiveram ao meu lado, a todos que compartilharam comigo da luta diária pelo aprendizado e principalmente à LÍlian, minha melhor amiga, que sempre esteve pronta a me ajudar e aconselhar nas horas de indecisão, e ao Fabio que sempre está ao meu lado incentivando meu progresso.

Mas, o meu agradecimento principal nesse momento é à professora que me fez ter interesse pela área escolar, uma das melhores professoras de toda a minha vida escolar, - Eileen - obrigada por fazer parte dos meus estudos e que mesmo com todos os imprevistos que teve, sempre que precisei tive ajuda na difícil tarefa da Monografia. Meu agradecimento final é à professora Maria Eleusa que de um dia para o outro teve que nos guiar na reta final da Monografia, obrigada.

*“Todos os dias quando acordo  
Não tenho mais  
O tempo que passou  
Mas tenho muito tempo  
Temos todo o tempo do mundo”  
Renato Russo*

## Resumo

O presente estudo teve como objetivo identificar os fatores que influenciam na motivação e desmotivação dos professores que lecionam no mesmo contexto de escolar, analisando aspectos de satisfação, insatisfação, motivação e desmotivação relacionados aos professores de uma escola pública. A metodologia adotada foi a pesquisa quantitativa e qualitativo-descritivo, com a utilização de uma escala de motivação e da entrevista semi-estruturada como instrumentos. A amostra foi composta por seis professoras do sexo feminino, com idade entre 24 e 40 anos, que lecionam na mesma escola de Ensino Fundamental da rede pública. Os principais resultados consideram que a motivação maior dos professores está no processo de desenvolvimento dos alunos, em como estes se desenvolvem, aprendem e valorizam o trabalho do professor. Os fatores que levam à desmotivação dos professores englobam a desvalorização da profissão, o mal comportamento do aluno, as condições precárias da escola e o salário. Além do estudo da motivação e da desmotivação dos professores, a pesquisa também demonstrou o importante papel do professor para a educação das crianças.

**Palavras-chave:** Motivação, desmotivação, professores, contexto escolar

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
EPÍGRAFE.....	iv
RESUMO.....	v
SUMÁRIO.....	vi
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: FORMAÇÃO E PROFISSÃO DOCENTE.....	10
CAPÍTULO 2: MOTIVAÇÃO.....	19
2.1 CONCEITOS DE MOTIVAÇÃO.....	19
2.2 TEORIAS DA MOTIVAÇÃO.....	21
2.2.1 TEORIA DAS NECESSIDADES DE MASLOW.....	21
2.2.2 A TEORIA BIFATORIAL DE HERZBERG.....	22
2.3 PESQUISAS EMPÍRICAS SOBRE MOTIVAÇÃO E DESMOTIVAÇÃO EM PROFESSORES.....	24
CAPÍTULO 3: FATORES QUE INFLUENCIAM NA MOTIVAÇÃO E DESMOTIVAÇÃO DE PROFESSORES.....	33
3.1 MÉTODO.....	33
3.2 INSTRUMENTO.....	34
3.3 PROCEDIMENTO.....	36
4 RESULTADOS.....	37
5 DISCUSSÃO.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57

REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE A – CONSENTIMENTO INFORMADO.....	63
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	64
APÊNDICE C – ENTREVISTAS.....	66



As pesquisas que envolvem educação em geral são direcionadas aos alunos, à aprendizagem, às condições de ensino, à valorização da educação e, no meio do caminho, a figura do professor é tratada apenas como o que ensina, quando a mesma importância deveria ser direcionada a ele.

O professor é preparado durante toda a sua graduação para uma realidade diversa da que encontrará em sua prática, os conhecimentos adquiridos terão que ser “postos” dentro de sala de aula em condições muitas vezes precárias e insuficientes. O desenvolvimento profissional torna-se um desafio constante, o professor precisa ter domínio de conteúdo, domínio de sala, de competências, habilidades e atitudes para enfrentar as adversidades da luta diária pelo aprendizado do aluno. Na vivência da profissão, o professor aprende que não é só o aluno que fará parte de sua rotina, existe também a relação com a coordenação da escola e a participação ativa ou não dos pais de seus alunos.

É difícil, para quem olha de fora, compreender por que o professor fica tantas vezes doente, defende tanto seus direitos e reclama dos alunos. O prazer de lecionar tem sido deixado de lado diante das dificuldades da vida profissional, a desmotivação é clara quando se observa que o governo e a sociedade desvalorizam a profissão que é à base de uma pessoa depois da família. Foi na expectativa de mostrar que, para alguns professores, existe o prazer de lecionar juntamente com a expectativa de uma educação de qualidade, que a presente pesquisa foi realizada no intuito de verificar quais fatores em um mesmo contexto escolar influenciam na motivação e na desmotivação.

A pesquisa tem por justificativa, além de analisar os fatores de motivação e desmotivação, acrescentar à literatura um estudo voltado para o professor e para a sua motivação dentro do seu ambiente de trabalho, pois se entende que a sua motivação ou

desmotivação podem partir de diferentes aspectos e serem diferenciados para cada profissional, dependendo do contexto de cada um.

Os objetivos centrais da pesquisa são: a análise dos fatores que influenciam na motivação e desmotivação dos professores e verificar se existe alguma diferenciação relevante entre estudos com grupos de um mesmo contexto escolar (trabalham numa mesma escola) e estudos com grupos de contexto escolares diferentes (trabalham em escolas diferentes).

Os resultados da pesquisa se dão por meio das entrevistas, analisando como a motivação e a desmotivação influenciam cada professora, observando que o contexto em que trabalham é o mesmo, ou seja, todas lidam com a falta de recursos, com alunos indisciplinados, alunos que se empenham nos estudos além das dificuldades pelas quais todas passam no que se refere a questões dentro da escola.

*“Aprender fazendo a fazer  
O que não se sabe fazer”  
Meirieu, 1996.*

## **CAPÍTULO 1 - FORMAÇÃO E PROFISSÃO DOCENTE**

De acordo com o dicionário Aurélio (2007), professor é aquele que ensina uma ciência, arte, técnica. O professor não é somente um facilitador da aprendizagem, mas também participante ativo da formação social, afetiva e psicológica de seus alunos não é apenas um conjunto de competências, é uma pessoa em relação e em evolução. (Perrenoud, Paquay, Altet e Charlier, 2001)

É por meio de da figura do professor que a aprendizagem se dá na escola, ele que precisa estar consciente de seu trabalho, e possui grande influência sobre o aluno. Para que haja uma educação de qualidade, é preciso que os professores estejam capacitados a lecionar, que se dediquem e que tenham competência. A relação professor-aluno é um fator importante no contexto escolar, quando há uma boa relação entre ambos, tanto o professor quanto o aluno demonstram mais interesse para ensinar e aprender.

Larocca (1999) acrescenta que a mediação proporcionada pela escola e pelo professor pode favorecer ou desfavorecer o desenvolvimento da criança: “[...] *a escola pode promover o desenvolvimento da criança ou atrapalhar esse desenvolvimento [...] o professor pode ser o dinamizador, aquele que propulsiona este desenvolvimento, ou não, não é? (S. 8, s: 1)*” (Larocca, 1999, p. 49).

Para Vygotsky (1987) citado em Rego (1995), o processo de educação escolar se dá por três aspectos: a formação de conceitos científicos, o papel que o sistema de conceitos na

direção dos processos de educação e o papel de mediador do professor na aprendizagem e o ensino por compreensão. As atividades desenvolvidas e os conceitos aprendidos na educação escolar permitem novas operações intelectuais: abstrações e generalizações mais amplas da realidade, na medida em que o sujeito expande seus conhecimentos, modifica sua relação cognitiva com o mundo. (Rego, 1996, p. 104). O conceito de mediação refere-se à intervenção de um elemento intermediário numa relação, fazendo com que essa relação seja direta. Vygotsky descreve dois tipos de elementos de mediação: os instrumentos possuem uma direção externa e os signos uma direção interna. Vygotsky considera que a educação possibilita desenvolver modalidades específicas de pensamento, tendo um papel diferente e insubstituível, na experiência culturalmente acumulada do sujeito.

A competência do professor começa por sua formação, que nos últimos anos no Brasil vem melhorando, a partir das reformas na educação e no contexto de formação dos profissionais de educação. A Nova LDB (1996) tem como finalidade da formação dos profissionais da educação, atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase de desenvolvimento do educando.

A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), em seu título VI, fala da formação de professores e pedagogos que passaram a ser denominados de profissionais da Educação. O presente trabalho ressalta essa lei, no que se refere à formação dos profissionais da educação, nos artigos, 61 a 67, que estabelecem os fundamentos da formação dos profissionais da educação; os níveis de formação docente exigidos para a atuação dos professores na educação básica; as competências dos Institutos Superiores de Educação; o tempo mínimo para a prática de ensino, na formação dos docentes da educação básica; e as estratégias para valorização dos profissionais da educação, estatuto, planos e carreira, condições de trabalho.

O Artigo 61 refere-se à formação dos profissionais da educação que tem como fundamentos a associação entre a teoria e a prática e a capacitação em serviço e aproveitamento da formação e experiências anteriores. É necessário que, durante o curso de formação, a teoria esteja interligada com prática para que os professores tenham condições de chegar à sala de aula sabendo da realidade vivida pelos professores.

O Artigo 62 aborda sobre a formação de docentes na atuação da educação básica em nível superior, em curso de licenciatura, graduação plena, universidades e institutos superiores, admitindo-se, para a atuação do magistério na educação infantil e nas quatro séries iniciais do ensino fundamental, que o ideal seja a formação em nível superior.

O Artigo 63 refere-se às instituições superiores que devem manter os cursos de formação de profissionais para a educação básica, inclusive o normal superior destinado a docentes da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental e programas de formação para os que já possuem diploma em educação superior e desejem dedicar-se à educação básica, juntamente com programas de educação continuada para professores de todos os níveis.

O Artigo 64 estabelece a formação de profissionais de educação para administrar, planejar, inspecionar, supervisionar e orientar para a educação básica, a ser realizada em cursos de graduação em Pedagogia ou pós-graduação.

O Artigo 65 estabelece que a formação docente, exceto para a educação superior, incluirá a prática de no mínimo trezentas horas.

O Artigo 66 refere-se à preparação do exercício do magistério superior, que deverá ser em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.

O Artigo 67 remete à valorização dos profissionais da educação, assegurando a eles, em termos de estatuto, planos de carreira do magistério público, ingresso somente por

concurso público de provas e títulos, aperfeiçoamento profissional continuado com licenciamento remunerado para esse período, piso salarial, progressão funcional por título ou habilitação e avaliação de desempenho, período reservado a estudos e condições adequadas de trabalho.

Mesmo com leis que visem à melhoria da formação do professore é difícil que se tenha uma educação de qualidade, enquanto as políticas não levarem à efetivação da lei e enquanto a própria sociedade mostrar descaso com estes profissionais. Cria-se um mal estar na comunidade educacional que atinge o profissional diretamente na sua motivação para ensinar.

De fato, o processo do fracasso escolar não se deve somente aos professores, mas envolve alunos, pais, escolas e políticas educacionais. De acordo com Moysés (2001), o problema da competência pedagógica não se restringe somente ao professor, há também a questão da política educacional, o descaso com a educação, o despreparo na formação dos profissionais, a desmotivação relacionada a diversos fatores como condições precárias de ensino, baixos salários, alunos indisciplinados, desmotivados e o descompromisso do professor com seu papel de agente de mudança. Patto (1990), afirma que dentre os fatores que colaboram para o fracasso escolar está a alta insatisfação dos professores em relação às suas condições de trabalho.

Mesmo diante de tantos fatores negativos ainda há muitos profissionais dedicados ao ensino e muitos que estão por se formar. Moysés (2001), ressalta que a formação dos professores não está vinculada somente à preparação acadêmica, mas à própria prática na experiência profissional, atualização e aperfeiçoamento.

A questão da formação é uma problemática tanto nos que verbalizam o início dessa formação quanto no decorrer do início da carreira. O início da formação é considerado muito

teórico, pouco prático e diferente da realidade de sala de aula. Esses novos profissionais queixam-se que durante a formação não são orientados quanto aos problemas de sala. Os conteúdos de formação se resumem em aprendizagem definida como um processo organizado, o ensino é definido como ação de comunicação, a auto-avaliação e o questionamento estão implicados na formação e as competências adquiridas estão relacionadas com as classes, à sociedade, as disciplinas, ao aluno e ao próprio futuro professor. (Perrenoud, Paquay, Altet e Charlier, 2001)

A formação de professores é objeto de diferentes pesquisas por se tratar de uma questão essencial à sociedade em geral, pois se refere a como estão sendo formados os professores. Quais seriam os princípios e quais são as finalidades que os cursos de formação estariam preocupados para com esses profissionais. Como o processo de formação está sendo realizado, visto e avaliado.

*Os desafios que se colocam à formação são os desafios à reflexão pessoal e coletiva, enquanto processo e instrumento de conscientização progressiva, de desenvolvimento continuado e partilhado, de persistência na investigação constante, enquanto fonte de novos informes, de crença, de algum modo sublime, na hipótese de o homem vir a descobrir-se e a encontrar-se com a sua própria humanidade (Sá-Chaves, citada em Alarcão, 2001, p. 89).*

Larocca (1999) defende a necessidade de formar o professor com o senso de atentar aos processos de desenvolvimento e aprendizagem na criança, saindo do pensar do adulto principalmente nas séries iniciais:

*“[...] que o professor tenha o contato direto com crianças aprendendo e observe o fenômeno de aprender, seja a língua escrita, seja na Matemática, seja na História ou na Geografia. que ele veja, porque ele também fica centrado na lógica adulta, sem*

*uma condição de entendimento de que a lógica se constrói [...]” (S. 5, s: 1) (Larocca, 1999, p. 49)*

A relação professor-aluno é um fator importante no contexto escolar e quando há uma boa relação entre ambos tanto o professor quanto o aluno demonstram mais interesse para ensinar e aprender. A figura do professor é essencial na aprendizagem, seu contato com o aluno, é durante esse processo que a criança desenvolve seus significados, como discorrem Leontiev e Luria sobre a educação:

*Durante o processo de educação escolar a criança parte de suas próprias generalizações e significados; na verdade ela não sai dos seus conceitos, mas, entra num novo caminho acompanhada deles, entra no caminho da análise intelectual, da comparação, da unificação e do estabelecimento de relações lógicas, novas para ela, de transição de uma generalização para outras generalizações. (Leontiev & Luria, apud Vygotsky 1984 p. 147 (Moysés, 2001))*

Uma das problemáticas dos professores recém-formados é a dificuldade que encontram assim que partem para a prática pedagógica, em que tem que enfrentar a realidade das salas e tentar fazer os alunos aprenderem de maneira que estes gostem da aula e o professor necessita sentir-se bem sabendo que conseguiu ensinar. É preciso formar profissionais competentes, reflexivos e críticos. Bolzan (2002), discorre que a reflexão do conhecimento e do saber prático coloca em ação o processo em que os conceitos e idéias são reestabelecidos em uma nova síntese com o poder de transformar a prática. De acordo com Tardif,

*A questão da epistemologia da prática profissional se encontra, evidentemente, no cerne do movimento de profissionalização. De fato, no mundo do trabalho, o que*



*distingue as profissões das outras ocupações é, em grande parte, a natureza dos conhecimentos que estão em jogo* (Tardif, 2002, p. 247).

Vêm-se discutindo as dificuldades envolvidas na formação de profissionais críticos englobando fatores como a construção de teorias e a prática na organização dos contextos de formação. (Magalhães, 2004). Giroux (1992) citado em Magalhães (2004) aborda que uma pedagogia crítica procura:

Buscar a criação de novas formas de conhecimento, não só rompendo com os limites disciplinares, mas também criando novos espaços onde o conhecimento pode ser produzido. [...] O conhecimento deve ser reinventado e construído, convidando-se os alunos para transpor limites, encorajando-os a pôr fim às disciplinas que separam a cultura superior da cultura popular, a teoria da prática, a política do cotidiano, a pedagogia da educação (1992, p. 259).

De acordo com Perrenoud, Paquay, Altet e Charlier (2001) a construção do saber que se origina da prática e a sua transferência ocorrem por meio de da articulação da dimensão dos saberes existentes e da dimensão que remete a adaptação desses saberes à ação. O futuro professor deve-se preparar para refletir sobre sua prática, onde os profissionais precisam ser capazes de evoluir, aprender com as experiências, capazes de refletir sobre o que fizeram e o que podem fazer. (Perrenoud, 2002). Rios argumenta que:

*O desenvolvimento profissional dos professores tem se constituído em objetivo de políticas que valorizam sua formação não mais baseada na racionalidade técnica, que os considera como meros executores de decisões alheias, mas numa perspectiva que considera sua capacidade de decidir* (Rios, 2001, p. 12)

Tanto o professor recém-formado quanto os que já lecionam há algum tempo precisam se atualizar tem se então a formação contínua que, de acordo com Perrenoud (2002), é uma

forma de transmitir novos saberes ao professores, saberes esses que não tenham recebido na formação inicial. Na formação contínua o profissional tem uma experiência a mais para sua formação da prática reflexiva pela convivência com profissionais experientes.

Segundo Perrenoud (2002), o profissional reflexivo precisa ser um profissional com autonomia e responsabilidade; é preciso possuir capacidade de refletir em e sobre sua ação, que está sempre se desenvolvendo pela experiência, competência e saberes profissionais, medidas pela natureza e pelas consequências da reflexão do cotidiano do professor.

Perrenoud, Paquay, Altet e Charlier (2001), entendem por competências profissionais conhecimentos, posturas, ações e atitudes necessárias para o exercício da profissão do professor. No ensino, as competências compreendem os saberes do planejamento, da organização e da preparação cognitiva da aula pela experiência prática da sala de aula. Anderson (1986) citado por Perrenoud, Paquay, Altet e Charlier (2001), cita conhecimentos, habilidades e atitudes para abranger a tarefa e o papel do professor, sinalizando essas competências como de ordem cognitiva, afetiva conativa e prática. De acordo com Tanguy (citado por Rios, 2001)

*O discurso sobre as competências pode ser compreendido como uma tentativa de substituir uma representação da hierarquia de saberes e práticas, notadamente aquela que se estabelece entre o "puro" e o "aplicado", entre o "teórico" e o "prático" ou entre o "geral" e o "técnico", por uma representação da diferenciação entre formas de saberes e formas de práticas, diferenciação que seria essencialmente horizontal e não mais vertical* (Citado em Rios, 2001, p. 82)

A formação de professores deve ser feita de maneira a constituir nesses futuros profissionais uma qualidade de serviço voltada para a educação no intuito de trazer novos conceitos e ações que façam de seus alunos não somente indivíduos que aprendam teorias

dadas em sala de aula, mas que sejam indivíduos capazes de pensar e construir novos conceitos. O professor tem em suas mãos a base da construção da sociedade, o saber; é a figura do professor que proporciona uma educação sequencial ao longo da vida do indivíduo.

Durante sua formação, o futuro professor precisa aprender a teoria, construir por meio da prática e criar métodos que facilitem seu trabalho e que o mantenham sempre motivado, ativo e disposto à atualização. Mas, para isso, é preciso que o próprio professor analise em sua profissão o que influencia suas expectativas, o que é mais recompensador, fazer de si um profissional capaz de atuar e de ter um diferencial por capacidade própria e não esperar que as políticas educacionais façam do professor e da educação fatores de qualidade. O professor além da sua prática e teoria depende de fatores externos e internos, a motivação, para sua rotina do dia-a-dia. O capítulo a seguir descreve algumas definições de motivação e teorias que colaboram para a motivação relacionada aos professores.

## CAPÍTULO 2 – MOTIVAÇÃO

### 2.1 Conceitos de Motivação

A motivação não possui uma definição única, mas depende de como cada autor a aborda e da teoria que utiliza, por exemplo, Chiavenato (2004b) salienta que motivação é um processo psicológico básico, junto com as percepções, atitude, personalidade, aprendizagem, sendo um importante processo da compreensão humana. Já Zanelli, Borges e Bastos (2004), definem motivação por um processo objetivo básico de complexidade relativa, que está associada a fatores como satisfação, desejo, recompensas extrínsecas e intrínsecas, comprometimento, entre outros.

#### Classificação das Teorias

#### Teorias da Motivação

Teorias de Conteúdo	Maslow: Teoria de Hierarquia das Necessidades Alderfer: Teoria ERC (Existência, Relacionamento e Crescimento) Herzberg: Teoria dos dois Fatores McClelland: Teoria das Necessidades Adquiridas
Teorias De Processo	Adams Teoria da Equidade Locke: Teoria da Definição de Objetos Vroom: Teoria da Expectância Porter e Lawler: Teoria Desempenho-satisfação
Teorias de Reforço	A Teoria do Reforço

**Figura 1:** Classificação das teorias da motivação.

**Fonte:** Chiavenato (2004a).

Conforme a figura 1, diversas são as teorias que estudam a motivação, envolvendo aspectos diferentes baseados em razões, comportamento, habilidades, satisfação, desempenho, entre outros, e que fazem diferentes previsões relacionadas ao comportamento. Podendo ser classificadas, de maneira geral, como teorias de conteúdo relacionadas a fatores internos à pessoa, as necessidades que motivam as pessoas; as teorias de processo que descrevem e analisam o processo do comportamento humano; e as teorias de reforço baseadas nas consequências do comportamento.

Salanova, Hontanguas e Peiró (1996, p. 16) citados em Zanelli, Borges e Bastos (2004) definem motivação como a ação guiada a objetivos, auto regulada, biológica e cognitiva, ativada por necessidades, emoções, valores, metas e expectativas. De acordo com Spector (2006), a motivação é o desejo de adquirir ou alcançar objetivos, sendo resultado de desejos, necessidades e das vontades. Partindo do princípio de aspectos relacionados à construção dos processos psicológicos referentes à motivação: a ênfase, o foco, a pergunta e a resposta, são aspectos que colaboram para o conceito de motivação e para a construção das teorias, como mostra a figura 2. (Zanelli, Borges e Bastos, 2004)



**Figura 2:** Principais fatores implicados na motivação, ressaltando as perguntas demandadas e as respostas presentes nas teorias da motivação.

**Fonte:** Borges, Zanelli e Bastos (2004).

As teorias da motivação de Maslow (1943) e Herzberg (1959) citados em Zanelli, Borges e Bastos (2004) têm sido mais utilizadas pela abordagem psicológica para o estudo da motivação em professores, pois são baseadas nas necessidades e conteúdos do trabalho e da avaliação das ações a partir das atribuições de causas e razões e, por isso, essas duas teorias serão mais enfatizadas neste trabalho.

## **2.2 Teorias da Motivação**

### **2.2.1 Teoria das Necessidades de Maslow (1943)**

A Teoria das Necessidades Humanas proposta por Abraham Maslow têm origem biológica e sua concepção parte da idéia de que o homem deve atingir seu autodesenvolvimento e crescimento. Na pirâmide proposta por ele, são destacadas cinco categorias de necessidades, onde as necessidades inferiores precisam em parte estar satisfeitas para que as necessidades superiores mostrem-se como motivadoras. (Zanelli, Borges e Bastos, 2004)

As necessidades propostas na pirâmide de Maslow são: as fisiológicas, de segurança, as sociais, de estima e de auto-realização. De acordo com Zanelli, Borges e Bastos (2004), a pirâmide de Maslow possui duas categorias de necessidades inferiores (fisiológicas e de segurança) e três de superiores (social, de estima e auto-realização).

As necessidades fisiológicas são indispensáveis à sobrevivência e à continuação da espécie. São necessidades inatas ao indivíduo, como alimentação, desejo sexual entre outras desse nível. As necessidades de segurança referem-se à proteção contra ameaças ou perigo, e

surtem quando a primeira necessidade, a fisiológica, está em parte satisfeita. As necessidades sociais partem da aceitação do outro, do afeto, da aceitação dos grupos sociais dos quais se participa. Segundo Chiavenato (2003), a necessidade social surge quando as fisiológicas e de segurança estão quase satisfeitas e, quando não há satisfação suficiente dessa necessidade, a pessoa se torna hostil com as pessoas à sua volta. As necessidades de estima estão ligadas à busca da valorização, de respeito, consideração e status. As necessidades de auto-realização formam a condição mais elevada da pirâmide de Maslow, sendo o máximo do crescimento e busca de autodesenvolvimento. Segundo Spector (2006), as necessidades são satisfeitas de formas e por meio de comportamentos diferentes, onde uma necessidade pode não ter relação com um determinado comportamento.

### **2.2.2 A Teoria Bifatorial de Herzberg (1959)**

Herzberg concebe a motivação como satisfação das necessidades complexas - estima e auto-realização. A motivação, nessa concepção, é resultado do trabalho em si e não de recompensas externas ou de condições do trabalho. A teoria foi formulada a partir da análise de descrições sobre o que as pessoas desejavam obter com o seu trabalho. A conclusão foi que os fatores motivacionais podiam ser divididos em fatores higiênicos, que seriam fatores externos, variando da condição de insatisfação à não insatisfação (extrínsecos), e a dos fatores motivadores que seriam os fatores internos, variando de satisfação à não satisfação (intrínsecos). Para Herzberg, a motivação só aconteceria por meio de fatores motivadores. (Zanelli, Borges e Bastos, 2004).

Os fatores higiênicos (extrínsecos) seriam definidos por salários, tipo de chefia, política e diretrizes das organizações. O trabalho teria fatores positivos e negativos apenas

evitando a insatisfação e não elevando a satisfação. Os fatores motivacionais (intrínsecos) seriam fatores de valorização e reconhecimento que levam à satisfação quando ótimos e bloqueiam a satisfação quando precários. (Chiavenato, 2003). Os fatores que levam à motivação estariam relacionados à própria tarefa ou localizados na pessoa, enquanto os fatores de insatisfação não se referem à pessoa, mas a algo externo a ela como, por exemplo, o descaso dos governantes em relação à educação para os professores. (Zanelli, Borges e Bastos, 2004).

Para Herzberg, em resumo, motivar seria oferecer níveis adequados de fatores para motivação, já que os fatores de caráter higiênico não promovem a satisfação, (Spector, 2003). Segundo Chiavenato (2003) são apenas preventivos e evitam a insatisfação.

O trabalho de Herzberg sobre sua Teoria Bifatorial ajudou as pessoas a focalizarem a questão da importância de um trabalho significativo, enriquecendo o trabalho em várias empresas, oferecendo níveis apropriados para os fatores de motivação. (Spector, 2006)

A motivação muitas vezes mostra-se pela satisfação que o indivíduo tem em sua realização profissional, sendo um sentimento em relação ao trabalho, o quanto gosta de realizá-lo, o quanto se sente valorizado e recompensando por sua profissão. As duas teorias aqui descritas serão utilizadas para a análise da pesquisa, com o intuito de investigar os fatores que motivam e desmotivam os professores e quais são os aspectos que diferenciam e contribuem para esses fatores.



### 2.3 Pesquisas empíricas sobre motivação e desmotivação em professores

Com o surgimento da escola e as transformações que foram ocorrendo ao longo da história, verifica-se uma grande preocupação, ao menos na teoria, com a qualidade do ensino, com o aprendizado do aluno e com a formação dos professores. De acordo com Cunha (1999) citada por Oliveira e Alves (2005) há um jogo de expectativas com relação ao desempenho de cada um, onde essa relação professor-aluno é determinada socialmente.

Para que o professor possa ensinar e fazer com que o aluno aprenda, não somente o professor deve querer ensinar e estar motivado para tal, mas o interesse do aluno também deve estar presente na aquisição de conhecimento. Um professor desmotivado não motiva o aluno a querer aprender e um aluno desmotivado não têm interesse em aprender, nem motiva seu professor a fazê-lo, ou seja, se não há conexão de saberes e interesses de ambas as partes para o ensino, não há motivação mútua.

Segundo Cruz (2000), citado em Mendes e Gitary (2006), o termo motivação vem do latim *motio* (movimento) e têm sua origem na palavra motivo, com sentido de causa ligada às ações psicológicas do homem. Tapia e Fita (1999, p. 77), citados em Oliveira e Alves (2005), consideram que “motivação é um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para alcançar um objetivo”.

A motivação no contexto escolar é um determinante na qualidade da aprendizagem e no desempenho, e o professor tem um grande impacto na motivação dos alunos. Essa motivação é ameaçada quando o professor apresenta ausência de motivos, frustração em não ter alcançado seu sucesso ao longo de sua carreira ou de experiência negativas, ou seja, existe a desmotivação.

Em sua pesquisa “*A Motivação e o comprometimento do professor na perspectiva do trabalho docente*”, Moreira (2005) teve como objetivos analisar a relevância da satisfação no trabalho, investimentos pessoais, alternativas a carreira e o comprometimento, segundo o modelo de investimento para o trabalho de Rusbult e Farrell (1983), e identificar possíveis necessidades para a elaboração de itens de um questionário com uma amostra maior de participantes.

Moreira (2005), descreve que há poucas pesquisas e atenção da literatura direcionada à motivação dos professores, apesar de ser tratada como certa ou constante. Contudo, este autor considera que existem discrepâncias entre os professores quanto aos conceitos de motivação e comprometimento, pois há variações diárias de interesse, comprometimento e motivação dos professores em relação ao trabalho.

Moreira (2005), realizou uma pesquisa, adotado o modelo de investimento de Rusbult e Farrell (1983, citado em Moreira, 2005) na definição do comprometimento no contexto de trabalho, como o grau que o indivíduo permanecerá no trabalho se sentir afeiçãoado a ele. Nesse modelo, tanto a satisfação quanto os investimentos pessoais contribuem positivamente para o comprometimento. Esse modelo tem como combinação a satisfação do trabalho, a disponibilidade e atratividade de alternativas e os investimentos pessoais no atual emprego.

Para a realização da pesquisa, Moreira (2005), utilizou-se de uma abordagem qualitativa interpretativa. Os participantes foram selecionados por critérios de disciplina que ministravam, sexo e estágio na carreira. Utilizou-se uma entrevista semi-estruturada para coleta dos dados e, para a análise dos dados, a abordagem qualitativa de natureza interpretativa.

Em seus resultados, Moreira encontrou como fontes de satisfação no trabalho ver o aluno aprender, relacionar-se com jovens, ajudá-los a tomar decisões na vida e a qualificação profissional. Como fontes de insatisfação, foram encontradas a falta de união da classe, a falta de reconhecimento no trabalho desenvolvido, a indisciplina dos alunos, o aumento da carga administrativa e, até certo ponto, o salário. Observou-se também que a pesquisa diferiu em alguns pontos do modelo de Rusbult e Farrel, no que se refere a aspectos que funcionam para satisfação e insatisfação, pois estes autores consideram satisfação apenas como uma questão de recompensa.

Em sua pesquisa, Moreira (2005), considera que, além do ato de ensinar, o professor tem outras três formas de satisfação: as recompensas intrínsecas, extrínsecas e as complementares de dimensão objetiva e subjetiva, por exemplo, a estabilidade do emprego público. A satisfação movida por recompensas intrínsecas foi descrita pelos professores, por exemplo, quando relatam que, ao trabalhar com jovens, verifica-se que eles aprenderam e que os professores podem ajudá-los em suas vidas, fatores que os motivam no trabalho.

*“O que me traz satisfação como professora é o meu relacionamento com as pessoas, eu gosto de me relacionar com as pessoas, conversar e trocar idéias, gosto de conversar com os jovens (Professor de Biologia – 2 anos de Magistério)”*. (Citado em Moreira, 2005, p. 216)

*“[...] é quando eu percebo que há uma mudança, inclusive até mudança de hábitos e de comportamento, então é melhor ainda (Professor de Português/Inglês – 22 anos de Magistério)”*. (Citado em Moreira, 2005, p. 216)

Já a satisfação pela recompensa extrínseca mostrou-se por meio de fatores como salário, prestígio e status, estabilidade e férias. As recompensas complementares não tiveram tanta relevância para os professores que citaram destas apenas férias e feriados prolongados

como fatores de satisfação. Moreira descreve ainda que a insatisfação tem sua causa maior na relação professor-aluno, incluindo a indisciplina, o desinteresse, as aulas monótonas, a falta de união da classe e o trabalho burocrático.

*“Muitas vezes a minha insatisfação também vem dos próprios alunos, principalmente quando eu percebo que eles não querem aprender. O aluno que não quer nada com nada (Professora de Matemática – 28 anos de Pedagogia)”* (Citado em Moreira, 2005, p. 219)

*“Às vezes eu penso: que droga de aula mesmo. Perdi o meu tempo hoje (Professor de Português – 22 anos de Magistério)”*. (Citado em Moreira, 2005, p. 218)

*“Um dos fatores que me trazem muita insatisfação é a falta de coleguismo. A nossa classe infelizmente é muito desunida (Professor de Geografia – 10 anos de Magistério)”*. (Citado em Moreira, 2005, p. 219)

*“Outra coisa que eu detesto no magistério é o trabalho burocrático. Eu não gosto desse trabalho burocrático [...] quanto desse tempo você poderia estar usando para se informar melhor e preparar melhor uma aula [...] (Professor de Inglês – 22 anos de Magistério)”*. (Citado em Moreira, 2005, p. 219)

Em suma, Moreira conclui em sua pesquisa que os professores dão diferentes significados ao trabalho, quando se referem a fatores como motivação e comprometimento.

A pesquisa sobre *“Ensino Fundamental: Papel do Professor, Motivação e Estimulação no Contexto Escolar”* de Alves e Oliveira (2005), teve como objetivos a análise do papel do professor no processo de estimulação e manutenção do interesse do aluno. Abordou temas como a formação, a concepção do bom e mau professor, do bom e mau aluno, satisfação na profissão e definição de motivação e estimulação de acordo com a fala dos professores.

Participaram da pesquisa cinco professoras entre trinta e quarenta e cinco anos que lecionam na 1ª, 2ª e 4ª séries do ensino fundamental. Utilizou-se roteiro de entrevista semi-estruturado, contendo 15 perguntas com o objetivo de coletar dados sócio-demográficos e explorar os temas levantados, por meio de uma análise no modelo qualitativo-descritivo.

Nos resultados verificou-se a concepção do bom aluno valorizando fatores da cultura escolar e participação dos alunos, o bom e o mau professor, a relação professor-aluno, a satisfação do professor pela profissão, queixas sobre remuneração e desvalorização no magistério e descrições para motivação e estimulação. As autoras perceberam a necessidade de instrumentalizar os professores na sua atuação como os mediadores no processo de ensino-aprendizagem pra evitar o desinteresse, fracasso e evasão escolar.

De acordo com os resultados da pesquisa de Alves e Oliveira (2005), o bom e o mau professor são concebidos em relatos como:

*“(O bom professor é) Esse que entende muito da pedagogia do amor, por aquilo que faz. Entendo disso qualquer outra pedagogia funciona (participante 4)”*. (Citado em Alves e Oliveira, 2005, p. 9)

*“(O mau professor) O mau professor é aquele que não se envolve que não quer sofrer... não está a fim de procurar coisa nova, não lê, não se informa, não gosta de buscar (participante 1)”*. (Citado em Alves e Oliveira, 2005, p. 9)

As concepções do bom aluno incluem fatores como serem participativos, argumentativos, a terem um bom desenvolvimento acadêmico, é o aluno que “não dá trabalho” para aprender, fatores ligados à família como o interesse na escola, e à relação professor-aluno, que esteja pautada no afeto:

*“Bom aluno é aquele que não tem problemas disciplinares, grandes problemas disciplinares (Participante 5)”*. (Citado em Alves e Oliveira, 2005, p. 10)

*“Para ter interesse e responsabilidade dentro da escola é preciso ter atividades diversificadas, aulas interessantes, participação da família (Participante 3)”.*  
(Citado em Alves e Oliveira, 2005, p. 10)

Com relação à satisfação, apenas uma das professoras entrevistadas, na pesquisa de Alves e Oliveira relatou estar insatisfeita; as demais relataram que há satisfação por gostarem do trabalho e pelos resultados obtidos com os alunos, mas há queixas de falta de material, má remuneração e desvalorização da profissão:

*“Eu gosto do que eu faço, mas acho que eu sou muito mal remunerada, eu acho que a gente trabalha muito e é pouco valorizada (Participante 1)”.* (Citado em Alves e Oliveira, 2005, p. 11)

As professoras relataram várias definições para motivação, identificando-se itens como a motivação sendo algo interno, a estimulação externa do indivíduo e a que desperta interesse e vontade de realizar:

*“A motivação é o que empurra a criança pra frente, é o que faz ela querer saber, ir atrás, é algo de dentro porque você pode fazer de tudo, mas se ela não quiser não vai conseguir”, e “Estimulação é esse que vem de fora para dentro, que o professor pode fazer para que ele busque, para que ele se motive (Participante 2)”.* (Citado em Alves e Oliveira, 2005, p. 11)

*“É o motivo porque alguma coisa anda, o que causa ou faz uma coisa andar. Motivação na educação é o que a faz andar. Vontade de ver as coisas mudarem, de chegar um mundo e pessoas melhores”, e estimulação “Nunca pensei nisso, mas acho que é aquilo que desperta interesse, desperta a vontade de fazer mais (Participante 3)”.* (Citado em Alves e Oliveira, 2005, p. 12)

*“Motivação... é a vontade de crescimento, vontade de se fazer alguma coisa, pro futuro” e estimulação “Está bem ligado à motivação né, se eu vou estimular eu vou motivar, pra mim é basicamente a mesma coisa (Participante 5)”.* (Citado em Alves e Oliveira, 2005, p. 12)

Motivação, na fala das professoras entrevistadas por Alves e Oliveira, se dá por querer crescer, por vontade e estimulação. Identifica-se nas falas satisfação por recompensas intrínsecas como a de ver o aluno ir atrás, de estimulá-lo a conseguir. É retomando a esse tema que a próxima pesquisa de Mendes e Gitahy (2005), se refere aos fatores que interferem na motivação dos professores.

Mendes e Gitahy (2005), em sua pesquisa *“Fatores que Influenciam na Motivação de Professores da Rede Estadual de Ensino, no Exercício do Magistério na Cidade de Maringá-PR”*, tiveram como objetivo a verificação dos fatores que interferem na motivação dos professores do ensino médio e fundamental da cidade de Maringá e a possibilidade de mudanças da realidade encontrada.

Participaram da pesquisa onze professores de uma escola estadual do ensino médio, sendo quatro do ensino fundamental e sete do ensino médio, todos do turno diurno, por meio de um questionário aberto e validado para recolher as informações pertinentes à pesquisa. A análise utilizada foi a descritiva, para descrever o verificado sem interferir nas variáveis encontradas.

De acordo com os resultados encontrados por Mendes e Gitary (2005), a desmotivação tem sua principal causa na realidade escolar, que é reflexo de uma relação política, social e cultural que estava em crise, refletindo negativamente. O fator salário, por sua vez, não foi o que mais contribuiu para a desmotivação. Segundo os professores, é necessário conscientizar família e comunidade a assumirem o papel educacional juntamente

com a escola e reestruturar políticas educacionais, e também uma educação continuada para os professores no intuito de trazer para a escola idéias e projetos novos.

Mendes e Gitahy (2005) colocam que, em relação à primeira questão de quais foram às mudanças conceituais, no âmbito escolar, que ocorreram em nível político-social e/ou pessoal durante os anos como docente, foi citada como principal mudança a inviabilidade de trabalhar corretamente em face da realidade, achar-se incapaz de exercer a profissão hoje, o descaso e a falta de respeito com o professor e que a realidade levou ao desinteresse a profissão.

A segunda questão abordou os fatores que levaram à desmotivação ao longo dos anos, e teve como principal resposta a indisciplina e a falta de compromisso com o aluno, seguido do não compromisso da família e do governo, problemas sociais e culturais, de ordem econômico-financeira da família dos alunos, baixos salários, falta de recursos, excesso de trabalho e desvalorização da disciplina na escola.

A questão do que pode ser feito para que se tenha a manutenção da motivação enquanto profissional da educação teve como critério principal a atenção dos pais na manutenção da educação dos filhos juntamente com a escola, em seguida foram relacionados mais atenção do governo, aprendizagem continuada do professor e atualização dos mesmos e mais investimento na educação.

Diante de tantos aspectos que podem levar o professor a estar ou não satisfeito pode-se perguntar quais são os motivos mais importantes que levam o professor a um bom desempenho e a estar motivado? Talvez um bom salário, alunos conscientes dos estudos, boas escolas, condições estruturais e matérias e valorização de carreira? Não basta um profissional dedicado, com um bom diploma e vontade de ensinar, se as condições para isso não suprem sua paixão ou vocação em ser professor. E como explicar que mesmo em condições não



favoráveis para o ensino ainda se encontram professores que conseguem estar motivados em relação a outros? São esses fatores, que separam os motivados dos desmotivados, que o presente trabalho pretendeu verificar.

### **CAPÍTULO 3 – FATORES QUE INFLUENCIAM NA MOTIVAÇÃO E DESMOTIVAÇÃO DE PROFESSORES**

A presente pesquisa teve por objetivos analisar quais são os fatores que influenciam na motivação e na desmotivação dos professores num mesmo contexto de trabalho.

Além desses, apresentar quais são os fatores que se diferem na motivação e desmotivação dos professores que lecionam numa mesma escola e relacionar, esta pesquisa com outras pesquisas que apresentem estudos com professores que lecionam na mesma escola e com professores que lecionam em escolas diferentes.

#### **3.1 Método**

A amostra foi composta por seis professoras, todas do sexo feminino, com idades entre 24 e 40 anos que lecionam na mesma escola do Ensino Fundamental da rede pública.

As professoras entrevistadas têm em média trinta e um anos, com desvio padrão de seis anos, e em média dez anos de atuação no magistério com desvio padrão de seis anos e meio. Quanto à formação acadêmica somente uma não concluiu o ensino superior, tendo somente o magistério, três possuem o ensino superior e duas com pós-graduação, como mostra a tabela 1.

Foi realizada uma pesquisa com dados quantitativos e qualitativos, baseado no modelo qualitativo-descritivo, Alves (2002) citado em Alves e Oliveira (2005), permitindo ver em cada questão seus conteúdos emergentes, pela análise das entrevistas semi-estruturadas analisada considerando as propostas.

**Tabela 1**

Características da amostra

<b>Participante</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Tempo que Leciona (anos)</b>
1	24	F	Solteira	Graduação Incompleta	5
2	25	F	Solteira	Graduação	6
3	30	F	Casada	Graduação	14
4	33	F	Casada	Graduação	3
5	34	F	Casada	Pós-graduação	13
6	40	F	Casada	Pós-graduação	20

### 3.2 Instrumentos

A realização da pesquisa teve como instrumento um roteiro de entrevista semi-estruturada com os objetivos de coletar os dados sócio-demográficos do grupo e explorar os temas referentes à de motivação, desmotivação, satisfação, insatisfação e temas globais relacionados a comprometimento, dificuldades para lecionar, frustrações, valorização, respeito, salário, condições de trabalho, porque escolheram serem professoras além de uma escala<sup>1</sup> para medir o grau de motivação das professoras. (Apêndice - B)

Antes de responderem às perguntas da entrevista, foram feitas às participantes três questionamentos relacionados à motivação onde, numa escala de 1 a 10, elas se situariam, sendo o número um totalmente desmotivado e dez totalmente motivado, com a finalidade de escolher para a entrevista professoras que apresentassem níveis diferentes de motivação e desmotivação, como mostra a tabela 2, visando atender aos objetivos da pesquisa. (Apêndice - B)

<sup>1</sup> A escala de motivação foi elaborada em conjunto pela aluna da monografia e a professora/orientadora.

**Tabela 2**

Perguntas para medir o grau de motivação das professoras em três momentos

<b>Perguntas</b>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>	<b>P5</b>	<b>P6</b>
Como os outros professores lhe vêem, motivado ou desmotivado?	6	9	8	7	10	8
Como você se considera em relação ao ano passado?	7	9	5	6	10	10
E onde você se situa hoje?	6	9	9	6	10	10

A tabela dois mostra na primeira pergunta que somente uma professora se sente vista pelos outros professores não tão motivada como as outras se sentem. Em relação ano passado e hoje, quatro mantiveram seu estado de motivação, uma teve um bom aumento na motivação de cinco para nove e uma considerou ter ficado um pouco desmotivada com relação ao ano passado.

Foi então feita uma divisão das seis participantes em dois grupos: as professoras mais motivadas e as menos motivadas como mostra a tabela 3. Essa divisão foi feita para depois ser utilizada na análise das entrevistas, levando em conta o objetivo deste estudo, analisar alguns fatores que levam a uma maior ou menor motivação no mesmo ambiente de trabalho.

**Tabela 3**

Categorização das professoras em mais motivadas e menos motivadas

<b>Professoras Mais Motivadas</b>			<b>Professoras Menos Motivadas</b>		
<b>P 2</b>	<b>P 5</b>	<b>P 6</b>	<b>P 1</b>	<b>P 3</b>	<b>P 4</b>
9	10	8	6	8	7
9	10	10	7	5	6
9	10	10	6	9	6

As três professoras consideradas mais motivadas apresentam uma média de motivação de 9,44 e um desvio padrão de 0,67, enquanto as três consideradas menos motivadas apresentam uma média de desmotivação de 6,67 e um desvio padrão de 0,87, como mostra a tabela 3.

### 3.3 Procedimentos de Coleta

O primeiro procedimento para a realização da pesquisa foi a elaboração de um projeto de pesquisa para o Comitê de Ética e Pesquisa do UniCEUB, que após avaliação foi aprovado recebendo o processo de número CAAE – 0904.0.000.303-08.

O próximo passo foi pedir o consentimento da direção da escola para a realização da pesquisa, seguindo-se da escolha das professoras e verificação da participação das mesmas na pesquisa. A realização das entrevistas foi realizada individualmente na biblioteca e numa sala de coordenação, onde todas as professoras assinaram um termo de consentimento (Apêndice - A) e todas as entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e separadas por categorias de respostas. (Apêndice - C)

#### 4. RESULTADOS

A partir da análise das falas das professoras com relação à escolha da carreira, os fatores abordados pelo grupo estudado referiam-se a gostar de crianças e do mundo delas, pelo desejo de ser igual a alguma professor que se teve quando criança e por nunca ter pensado em exercer outra profissão, relatada nas seguintes falas: *“Desde pequeninha... três anos de idade que já queria ser professora, eu gosto... Eu gosto de ajudar as crianças, eu gosto de estar perto das crianças, gosto da parte didática mesmo... De tá planejando, de tá levando novidade pra criança... eu gosto desse mundo aqui.”* (Participante 5). *“Porque eu gosto, sempre... Desde... de criança... Nunca pensei em exercer outra profissão... Foi algo assim natural.”* (Participante 6). Outro ponto levantado ainda sobre a escolha da carreira foi a fala seguinte: *“Questão de oportunidade... Porque foi o primeiro concurso que eu fiz e passei... Eu não escolhi ser professora... Foi a oportunidade que eu tive na época e eu fiz a prova e passei.”* (Participante 1).

Observou-se que a partir das falas e de como as professoras foram categorizadas em mais motivadas e menos motivadas, as descrições da escolha da carreira para as participantes 5 e 6 correspondem alta motivação, o fato de gostar de crianças é um aspecto muito motivador para a escolha inquestionável da carreira de professor. Tal situação foi evidenciada na fala da participante 1, considerada menos motivada, já que não foi uma escolha da participante, sendo uma questão de oportunidade da época.

Na fala das professoras, os fatores relacionados à motivação para lecionar estão ligados aos alunos, em fazer o melhor por gostar de crianças, a motivação pelo desenvolvimento do aluno e por ele adquirir conhecimento, descrito na seguinte fala: *“É de gostar... é de ver o desenvolvimento do aluno... no momento que você começa a desenvolver*

*um trabalho e você percebe o desenvolvimento do aluno, você percebe que o aluno vai adquirindo conhecimento que o aluno vai desenvolvendo, que ele vai descobrindo outro mundo, aí é isso que me motiva a estar sempre gostando do que faço.”* (Participante 6).

Enquanto outra professora considera que existe motivação, *“Tenho... Só que eu sinto muita dificuldade na turma, às vezes eu me sinto desmotivada por esse motivo, mais se for só a minha parte eu tenho motivação [...]”* (Participante 1), mas também existe a desmotivação pela dificuldade da turma, a tristeza pelo salário, porém destaca que este não influencia no comprometimento com a sala: *“[...] Tem muitas coisas que concorrem pra deixar a gente triste, mas o compromisso que você tem na sua sala de aula... agente não pode deixar influenciar... porque tem questões a meu salário deveria ser melhor, a escola deveria ser melhor, aí porque o aluno deveria ser melhor, porque a família do aluno deveria ser melhor... com certeza muitas coisas deveriam ser melhores, mas não é isso que vai fazer com que a gente comece a botar culpa nas outras partes e deixar o compromisso da gente de lado... deixa o papel da gente pra lá.”* (Participante 5).

A fala da Participante 5 é um discurso de uma professora mais motivada, mesmo diante das questões aversivas que se tem ao lecionar, ela considera que o comprometimento não deve ser deixado de lado, mesmo quando considera que o aluno deveria ser melhor, o que é diferente com relação à na fala da Participante 1 que, tem na turma, os seja, em seus alunos os responsáveis pela desmotivação ao lecionar.

Quando questionadas como, mesmo, diante das dificuldades, continuam a lecionar as professoras colocaram que continuam porque precisam de dinheiro e pela estabilidade no emprego, e pelo amor à profissão, conforme relatado nas falas seguintes: *“Porque eu preciso de dinheiro, a minha motivação maior é, além de paz e um pouco de satisfação, o dinheiro.”* (Participante 1); *“Eu continuo dando aula porque eu sou concursada, porque se eu não fosse já teria procurado outra coisa...”* (Participante 4), e *“Pelo amor à profissão, por necessidade*

*também, né... Por precisar do dinheiro... Muitos não são por amor... São pelo dinheiro mesmo... Mas eu sou pelo amor mesmo.”* (Participante 3). O outro grupo de professoras, mais motivadas, considera que mesmo com dificuldades a professora deve estar preparada para os desafios e problemas, continuam lecionando por acreditar na educação e que, mesmo quando se tem problemas de saúde continuam por ter muito a oferecer e aprender, como é descrito: “[...] *Na sala de aula nenhum dia é igual ao outro... Às vezes você planeja uma coisa e chega lá é completamente diferente... E eu acho que a pessoa tem que tá preparada pros desafios, pros problemas [...]*” (Participante 2); “[...] *Eu respondo por mim, eu dou aula porque eu acredito na educação, eu também acho que... Que muita coisa se resolveria se a família e a educação andassem juntas... Porque assim existem problemas de família que a escola ajuda muito, sana muita coisa, claro, não é a grande salvação do planeta a educação... Mas tem muita coisa que a escola é assim um suporte muito grande.*” (Participante 5); e “[...] *Eu tenho mais dificuldade pelo problema de saúde que eu tenho... E eu continuo porque eu gosto né... E acho que ainda tenho muito a oferecer e muito a aprender, porque o profissional em sala de aula, ele tanto tem muita coisa a oferecer à criança como a aprender [...]*” (Participante 6).

As falas das Participantes 1 e 4, consideradas menos motivadas, continuam a lecionar por dinheiro e por estabilidade financeira, enquanto as professoras consideradas mais motivadas assumiram seu papel de professora acreditando na educação, preparando-se para os desafios e que, mesmo quando as dificuldades são relacionadas a aspectos pessoais do professor, continuam na profissão por gostar. Relacionados com a questão dos fatores intrínsecos e extrínsecos a profissão, nota-se que as Participantes 1 e 4 são mais guiadas por fatores como dinheiro e estabilidade, que de acordo com Herzberg (1959) citado Zanelli, Borges e Bastos (2004) ocorrem por fatores higiênicos de motivação extrínseca.



Quando questionadas sobre valorização e respeito ao professor, foram unânimes ao afirmarem que o professor não é valorizado e que há pouco respeito pela profissão. Disseram que o professor era valorizado antigamente e está sendo desvalorizado a cada dia pelos pais, pela sociedade, pelo governo e que o professor não tem status, conforme as falas a seguir: “[...] *Eu acho que o professor não é valorizado, não é valorizado nem pela sociedade e nem pelo governo... Porque o professor hoje é visto como vagabundo, como alguém que não leva a sério sua profissão [...]*” (Participante 6); e “[...] *Você não tem status, se você tá numa roda de amigos... Você... Aí, o pessoal pergunta o que você faz... Aí você responde que é professor e o pessoal fica ahhh... É... Falta desmaiar assim do seu lado... Eu acredito que seja todo um contexto histórico, as pessoas não têm noção da importância do professor, que ela é a base que pode tá mudando uma sociedade, que ela pode tá mudando a realidade das famílias. Que a criança vem de família de pai e mãe analfabetos e por meio de da educação pode tá mudando, pode tá melhorando [...]*” (Participante 2).

Transparece na fala das participantes que há pouco respeito por parte da sociedade e de alguns pais e que o respeito que existe vêm dos alunos, que têm um clima de respeito em casa e da família que vê o professor como figura de respeito e que valorizam o próximo, como verifica-se a seguir: “[...] *Algumas pessoas sim, ainda vêem o professor como uma figura de respeito, acho que das algumas famílias que realmente valorizam o próximo, se ela tá acostumada a respeitar as pessoas em casa ela chega dentro de sala de aula e respeita o professor, agora a criança que não tá acostumada a ter respeito pelas pessoas ela encara o professor da mesma forma.*” (Participante 6); “[...] *Os alunos eles valorizam, os alunos aqui pelo menos na educação infantil da pré escola até o quarto ano e eles valorizam, eles têm o respeito [...]*” (Participante 2); e “[...] *A visão do professor tá muito desvirtuada, os pais acham que o professor virou a babá e que a escola só serve pro pai se livrar do aluno... Não vêem*

*mais a função social do professor... Essa função mesmo de educar, de formar um cidadão crítico, um cidadão atuante da sociedade... Os pais não reconhecem isso.”* (Participante 4).

Quando questionadas se em algum momento sentiram-se frustradas na profissão, relataram que sim, quando agredidas por aluno, quando era preciso fazer algo que não era de seu “arcabouço”, quando, antes mesmo de pegar uma nova turma, disseram que a turma era difícil, que a frustração é constante, que há frustração todo final de ano se um aluno não consegue o desenvolvimento esperado, como ilustram as falas: “[...] *Quando eu fui agredida por um aluno na sala de aula... Mordeu meu braço, começou a gritar, a rolar no chão, correu na sala, bateu nos meninos, jogou os cadernos no chão, jogou mesa e carteira no chão... Fiquei assim completamente sem reação [...]*” (Participante 1); “[...] *Quando eu peguei a turma e me disseram que eu tinha pego um pepino, sabe... Ah você é doida de pegar uma turma de 2ª série, você não sabe o pepino que você tá pegando, eu fiquei muito frustrada com isso, fiquei realmente arrasada... Porque fica parecendo também que você não vai dar conta, que você não vai conseguir atingir o objetivo... Eu fiquei bem frustrada.*” (Participante 4); e “*Acho que a frustração é constante, hoje mesmo eu tô frustrada [...]*” (Participante 5). Apenas uma, ao contrário das outras, disse que mesmo com as dificuldades e de ter tido um ano com alunos com necessidades educacionais especiais, não levou a experiência para o lado da frustração e sim para o amadurecimento profissional e pessoal, conforme descrito a seguir: “*Eu tive dois alunos especiais, um com Síndrome de Willians e outro com Doença Mental e foi daí que eu amadureci... Eu acho que deu tempo deu amadurecer pessoalmente... Fui amadurecendo, eu fui vendo o meu papel como educadora... Fui assumindo uma postura diferente... tem males que vem pra bem... fui amadurecendo, é uma experiência muito positiva...*” (Participante 2).

Tanto as professoras do grupo mais motivado quanto do grupo menos motivado, exceto a Participante 2, tiveram em algum momento uma situação frustrante e que foi

considerada meio negativa. Somente a Participante 2 fez a ressalva de que as mesmas situações difíceis foram encaradas como oportunidades para o crescimento.

Quando questionadas se em algum momento a desmotivação foi fator para deixar a profissão, as professoras relataram que houve desmotivação quando se sentiam sozinhas por não ter recursos suficientes na escola, pela agitação dos alunos, por ofensas do governo, por cansaço e insatisfação, relatadas nas seguintes falas: “[...] *Quando eu tava no segundo ano aqui na escola, que ninguém entendia os meus anseios... Porque você é sozinha, sabe você tem que tá com muito cuidado com as palavras, eu não podia falar que o menino não dava conta... Que eu não queria a criança... Eu não podia falar nada... fiquei muito desmotivada... Porque você se sente sozinha, as coisas acontecem e você não tem com quem contar... E o pessoal só sente pena, ajuda que é bom não vem de ninguém...*” (Participante 2); “*Já teve alguns momentos que eu senti... quando numa escola que não tinha recurso, nem sala adequada, nem material adequado, você se sente assim numa ilha, o que você vai fazer agora, você não tem nenhuma folha pra dar pra criança, já cheguei em escola assim, então nesse momento eu me senti desmotivada [...]*” (Participante 3); e “*Alguns momentos dentro da sala de aula mesmo, momentos assim quando os alunos estão muito agitados, você fala e os meninos não param, tem hora que eu penso aí, meu Deus porque que eu tô aqui, vou largar isso, não quero mais, são nesses momentos dentro de sala de aula mesmo.*” (Participante 4). Uma professora relata que já ficou muito triste, mas não a ponto de largar a profissão e que a desmotivação parte da não valorização do professor: “*Eu nunca pensei em mudar de profissão, eu acredito assim que o que deixa hoje o profissional triste não é a sala de aula, é exatamente essa falta de valorização, então são nesses momentos que você pensa em deixar de ser professor, aí você me pergunta o que eu faria se não fosse professora e eu não me vejo em outra profissão... Então eu sei que apesar de tudo pode não ser na secretaria de educação, mas que eu exerceria essa profissão.*” (Participante 6).

Quando questionadas em que contexto já se sentiram muito motivadas na profissão, os motivos foram descritos como o de esperar que a turma do ano que vem seja melhor e mais comportada e quando a secretaria promove cursos de atualização: *“O momento em que a secretaria de educação desenvolve cursos pra que a gente... Fazendo as atualizações... Sempre estão disponibilizando cursos, encontros, palestras... ultimamente tem melhorado a questão do material... A secretaria vai tá recebendo um material de alta qualidade pra poder tá trabalhando com os alunos... É um ganho muito grande você sente motivada [...]”* (Participante 3). A gratificação do reconhecimento e carinho do aluno, a convivência com o aluno é um fator de motivação: *“O fato de ser professora tem a sua parte que é gratificante quando você vê o resultado do aluno, quando seu aluno vem te agradecer... Te trata com carinho, quando você vê que o seu trabalho foi reconhecido no final do ano, vê que o aluno alcançou, que ele progrediu, que ele teve um bom desempenho. Isso é gratificante e é o estímulo que eu tenho pra continuar, se não fosse isso mesmo sendo concursada acho que não estaria mais.”* (Participante 4). Para uma professora a motivação aumentou quando voltou de um tempo que esteve doente onde quase teve que se aposentar: *“[...] Eu fiquei dois anos de licença médica, eu corri um risco muito grande de ser aposentada e quando você tem um problema sério você pensa que nunca mais vai estar numa sala de aula e de repente você volta pra sala de aula, faz um bem muito grande pra você, pra mim foi algo maravilhoso retornar depois de dois anos, voltar a desenvolver projetos, voltar a ter contato com aluno... Isso aí pra mim é muito importante.”* (Participante 6).

A Participante 6 mostrou grande motivação pela sala de aula e pelos alunos, seu problema de saúde não foi contratempo para o surgimento da desmotivação, ao contrário, foi uma alavanca para estar ainda mais motivada em sala de aula. A Participante 4 mesmo estando no grupo das menos motivadas, vê-se estimulada pelo desempenho do aluno que pode ser interpretado como reflexo do seu empenho.

Na questão de comprometimento com a escola e com os alunos, todas salientaram que se consideram comprometidas, cada uma a sua maneira, como ser comprometida por passar as tarefas e adaptar o currículo aos alunos que têm necessidades especiais: *“Eu me considero mais comprometida com os alunos... No sentido de passar as tarefas, corrigir as tarefas... De seguir o currículo deles, de adaptar a aqueles alunos que têm deficiência.”* (Participante 1). São comprometidas por chegarem no horário e participar dos eventos da escola, que mesmo com falta de estímulo não se desliga dos alunos: *“Acho com a escola e com os alunos sim... Porque mesmo com minha... Falta de estímulo que eu tenho, eu faço meu trabalho direitinho, eu sou responsável, sou organizada eu me preocupo muito com os meus alunos, eu não consigo me desligar... Tô o tempo todo pensando, eu acordo pensando como é que vai ser como é que vai ser o dia, eu durmo pensando meu Deus eu devia ter feito uma tarefa assim [...]”* (Participante 4); e o que se tem que valorizar são os alunos e a escola: *“Sim... Eu sempre falo o seguinte que acima de tudo não é porque nós não temos bons salários e que não somos valorizados que não vamos valorizar aquilo que temos e o que nós temos são os alunos e a escola [...]”* (Participante 6).

A fala da Participante 4 mesmo estando no quadro das menos motivadas, sua satisfação/motivação se concentra no aluno assim como nas falas das professoras consideradas mais motivadas, onde aluno aparece como grande fonte de motivação e satisfação para o professor, assim como descreve a Participante 6 que considera que se deve tanto valorizar o aluno quanto a escola, mesmo as professoras não tendo essa valorização.

Com relação às condições de trabalho, os professores afirmaram que têm o básico, mas que precisa melhorar: *“Sim o básico sim... A gente não tem uma estrutura melhor, por exemplo, agente não tem uma brinquedoteca que é importantíssima, acho assim que a ludicidade é essencial ao aluno... A biblioteca também, você vê que não é lá essas coisas, os alunos não são tão motivados a virem aqui, tem coisas que deixam a desejar mesmo.”*

(Participante 4). Acrescentam que as condições são precárias e que as salas não são adequadas: *“Em termos as nossas salas não são adequadas como a gente gostaria principalmente pra quem tem aluno especial como a gente tem é muito complicado... Nosso ambiente poderia ser melhor, eles poderiam investir melhor nas escolas.”* (Participante 3); e uma não concorda dizendo que de forma alguma as condições de trabalho são satisfatórias: *“De forma nenhuma, a gente tem uma sala de vídeo quando chove cai goteira na nossa cabeça... A quadra é horrível... Estrutura mesmo não tem não... Temos que ser guerreiros, levar, na esportiva.”* (Participante 2).

Mesmo relevando às condições de trabalho é evidente que todas as professoras concordaram que a escola deve ser um lugar adequado e agradável, tanto para o aluno quanto para o professor, já que o ambiente também influencia na qualidade do ensino e da aprendizagem.

Quanto ao aspecto do salário, todas as professoras concordaram que não têm o salário que merecem e que o mesmo deveria ser melhor: *“[...] Deveria ser melhor... E assim tem dia que eu até sorrio, porque puxa essa aula valia dez mil reais porque o que eu passei hoje e tem dia assim que você nem lembra do seu salário... Mas seria importante a valorização... Que quando você tá bem... Com certeza você vai tá mais tranqüilo também pra trabalhar... A gente não ganha tão mal, mas a gente poderia ganhar melhor...”* (Participante 5). Uma afirmou que custo de vida em Brasília é muito alto, mas que dá para pagar as contas e que em relação à realidade do país são privilegiadas: *“Acho assim que não é o que a gente merece porque você vê a nossa realidade e aqui ainda somos privilegiados... Diante da realidade do nosso país, a gente sabe que a gente é privilegiada...”* (Participante 2); e *“[...] Eu acho muito pouco, a gente vive numa cidade, Brasília que tem um custo de vida muito alto, é mais caro... E mesmo nosso salário sendo mais alto do que alguns estados ainda é muito pouco, eu acho que deveria valorizar bem mais [...]”* (Participante 3).

Não importa se a professora é do grupo das mais motivadas ou das menos motivadas, pois concordam que o salário deveria ser melhor, ainda mais para a profissão tão importante como a do professor, mas que diante da realidade brasileira o salário é melhor em relação ao de outros estados.

Quando perguntadas em quais aspectos sentem mais satisfação todas as respostas, mesmo de maneiras diferentes, remetem ao aluno, em vê-lo vencer: *“Satisfatório é... o que a gente tem depois de todo um trabalho, você vê que você alcançou um objetivo que o aluno venceu [...]”* (Participante 4). Também, o aluno desenvolve-se: *“O que me traz satisfação seria... É o desenvolvimento do aluno... Me traz satisfação também essa busca, sempre estudando, tá sempre procurando o que é melhor pro meu aluno, tentando fazer diferente pra consegui o desenvolvimento do meu aluno, isso ai pra mim é fundamental [...]”* (Participante 6). Quando aprenderem a ler: *“Satisfação eu vejo assim quando a criança aprende a ler, uma criança que não sabia nada e de repente começa a ler e a escrever [...]”* (Participante 2). Há satisfação quando há retorno dos alunos, no trabalho do professor e quando os alunos procuram a professora, questionando algo: *“Satisfação quando eles aprendem, eu corrijo uma prova, um trabalho. Quando eu tô corrigindo no quadro e eles respondem, quando eu vejo que eu faço diferença não só no conteúdo, mas em aprendizado da vida [...]”* (Participante 1)

Em relação aos aspectos relacionados à insatisfação as professoras relataram diversas características como brigas e palavrões dos alunos: *“O que me traz insatisfação é briga, brigam muito na sala, falam muito palavrão, tem muita ofensa, são coisas que a gente trabalha sempre, tá conversando e não vejo resultado.”* (Participante 1). Por alunos são desinteressados: *“O que é insatisfatório é vê que você trabalhou o ano todo e tem aluno que não progride e você tentou e se esforçou e o aluno não progrediu, não foi pra frente.”* (Participante 4). Quando a escola não tem uma equipe especializada para ajudar nos problemas, pela desvalorização por parte da sociedade, e pelo professor não participar das

decisões na área da educação: *“O que me deixa triste é chegar e você ver que a sociedade não valoriza mais o profissional professor e que... Nem sempre o professor é chamado pra decidir, pras decisões da área de educação, a coisa já chega pronta pra você e nem sempre aquilo é o melhor [...]”* (Participante 6).

A insatisfação na concepção das professoras está nos alunos, quando estes não têm bom comportamento e nem interesse pelo estudo, como relatam as Participantes 1 e 4, consideradas menos motivadas. Já no quadro das professoras mais motivadas a insatisfação parte da desvalorização que o professor enfrenta e de ser um agente passivo nas tomadas de decisões referentes à educação.

Com relação à carga horária, todas concordaram que às cinco horas de aula e às três horas de coordenação são ideais e que não atrapalham o ensino, ao contrário, ajuda no aperfeiçoamento da aprendizagem: *“Nossa carga horária é dividida em 8 horas, 5 de sala e 3 de coordenação, isso também foi uma conquista nossa ao longo dos anos que se chama jornada ampliada, ampliou pro aluno 1 hora e pra nós a gente continuou com as 8... Essas três horas de coordenação é de reuniões administrativas, tem a coordenação individual, tem a coordenação coletiva [...]”* (Participante 3); e *“Eu acho que tá bom, que essa jornada ampliada, essas três horas de coordenação foi assim um ganho muito grande pra categoria e foi um ganho muito grande para o aluno. Porque o professor hoje ele tem condição de realmente preparar um material melhor pro aluno, ele tem condição de fazer um atendimento de aula de reforço no horário da coordenação e assim às cinco horas aula eu acho que é importante sim, é interessante, não é só ficar cinco horas em sala de aula, a gente desenvolve outras atividades fora de sala de aula que vão contribuir pra formação do aluno [...]”* (Participante 6). Algumas consideram que mesmo as horas divididas, dessa forma, sejam satisfatórias, mas que cinco horas de aula para o aluno é muito: *“Não atrapalha não acho até que é bem dividida, eu só acho assim, parte da coordenação tá super tranqüila... Mas à tarde*



*eu acho assim que a carga horária é muito extensa pra falta de recursos que a gente tem... Tem que ficar cinco horas com a criança lá só com o lápis, a borracha e o caderninho deles... Não oferecem recursos, n, é pra gente ta ficando com esses meninos cinco horas em sala [...]” (Participante 2).*

Quando perguntadas sobre o que hoje motiva o professor, as respostas foram variadas. A motivação ocorre por acreditar que um dia é diferente do outro e que os alunos podem mudar de um dia pro outro, afirmou uma professora: *“O que mais eu fico pensando é em como vai ser o outro dia, que às vezes acontece uma coisa triste... e você fica, poxa, como é que vai ser no outro dia, vai acontecer uma coisa diferente, será que eles vão se comportar de forma diferente, então essa dinâmica de um dia pro outro é o que mais me motiva porque eu sei que um dia não vai ser como o outro... que um dia ele vai aprender uma coisa a mais, então eu acho que essa mudança de um dia pro outro, acho que é o que mais me motiva... eu sei que no outro dia eles podem estar bem diferentes, fazer pergunta diferente [...]”* (Participante 1); e *“[...] A motivação eu acho que é justamente em pensar que isso um dia vai mudar tem que mudar, um dia eu acho que isso é a motivação que as pessoas têm, pensar que um dia a educação vai melhorar.”* (Participante 4). A motivação pelo desafio diário de ensinar, pelo contato com as crianças e pela valorização por parte delas, também foi ressaltado: *“O que motiva o professor eu acho que são... É... os desafios, o contato com a criança, a valorização pelas crianças, os grupos de professores que você faz amizade e... É o desafio constante, desafio diário o que motiva é isso e superação...”* (Participante 2). Há os professores que mesmo com dificuldades, conseguiram resultados positivos: *“O que motiva o professor é saber que mesmo com tantas dificuldades, tudo a gente ainda consegue resultados positivos, como eu tava, te falei da alfabetização... Você pegar um aluno com problemas e tudo, saber que na escola ele se sente melhor... é aonde ele vai ser preparado pra vida... muitos pais não estão preocupados em estar preparando seus filhos pra vida futura, é a gente*

*que tem que se virar mesmo... muitos pais colocaram na escola a função de casa, muitos porque trabalham e outros porque nem trabalham nem querem desenvolver o seu papel querem jogar tudo pra escola [...]”* (Participante 3). Também, a vontade de ajudar o aluno: *“Motiva o professor é a vontade de ajudar o aluno, acho que esse é o grande... E a grande motivação, a vontade de falar poxa eu quero levar esse menino até tão ponto. É você pegar uma turma e falar eu consegui chegar... A grande motivação do professor é pegar aquela criancinha ele passou por mim e aprendeu isso aqui [...]”* (Participante 5). E quanto ao desenvolvimento do aluno: *“Acho que o grande motivador do profissional ainda é o desenvolvimento do aluno porque não tem nada melhor do que vários anos depois você encontrar um aluno que tá no mercado de trabalho que continuou os estudos [...]”* (Participante 6).

Os fatores em comum que influenciam na motivação das professoras consideradas mais motivadas é o aluno, seja por ver o desenvolvimento dele, por ajudá-lo ou por se sentir valorizada pelas crianças. Nas professoras consideradas menos motivadas os fatores que as motivam é a espera de um melhor comportamento do aluno, o aguardo de mudança na educação e saber que mesmo com dificuldades ainda se conseguem resultados positivos.

No que se refere aos aspectos que desmotivam hoje o professor, estão o de encontrar com os alunos depois de um tempo e ver que não concluíram os estudos: *“O que mais me desmotiva é quando eu encontro meus alunos já adultos e pararam de estudar, ah, mas porque você parou ah, porque eu tive que trabalhar... Ah, porque a carga horária do meu trabalho não era compatível à da escola ou porque ele não se adaptou à escola... Sempre no final do ano o que me preocupa não foram os alunos que conseguiram um desenvolvimento, é aquele aluno que eu sinto que ele não desenvolveu todas as potencialidades que ele poderia ter desenvolvido, então esse é o aluno que me deixa preocupado e o que desmotiva é isso, encontrar esses alunos no futuro e perceber que aquele probleminha que eu já havia*

*detectado no início, que ele foi virando uma “bola de neve” e que hoje o aluno tá fora da escola, ele não concluiu os estudos, isso aí pra mim é uma tristeza muito grande.”* (Participante 6). Quando a criança não tem atenção da família e não vê sentido na escola, são outros fatores desmotivantes: *“O que mais desmotiva é quando a criancinha tá sozinha, às vezes você pensa, puxa eu acho que precisava do pai vir aqui, a mãe vir aqui, alguém vir aqui saber se a criança tem problemas e tá precisando de carinho, de uma conversa, uma atenção ou às vezes só vir aqui na porta buscar ele, levar [...]”* (Participante 5). O que, também, desmotiva é o sistema educacional e não ver progresso na educação: *“[...] O que tá desmotivando eu acho que é o sistema educacional como um todo, eu fico muito decepcionada com o sistema como um todo você vê que não tem progresso na educação, você não vê a educação progredir, isso não é uma falha... ah, é professor, é a escola o problema vem do sistema [...]”* (Participante 4). As brigas dos alunos também aparecem na fala das participantes: *“[...] O que desmotiva eu já falei são... é... Palavrões, brigas... É xingamento entre eles...”* (Participante 1). Além disso, a falta de recursos materiais, espaço físico e o governo: *“[...] O que desmotiva é o salário, o salário é horrível e desmotiva... A falta de recurso que te falei, de espaço... Falta de espaço, de recursos técnicos desmotiva.”* (Participante 3); e *“[...] O que desmotiva eu acho que é a falta de recursos, a falta de escola mais apropriada, a falta de apoio do pessoal da direção do colégio, dos coordenadores que não sabem o que está acontecendo em sala... eu acho que é isso, o que motiva são as crianças e o que desmotiva é o governo.”* (Participante 2).

No que se referem à desmotivação, as professoras consideradas mais motivadas relataram que a desmotivação ocorre quando não se têm recursos na escola para o desenvolvimento do aluno, há o descaso do governo, as dificuldades que alguns alunos encontram para continuar seus estudos, em geral porque precisam trabalhar e quando os pais não dão a devida atenção a seus filhos e os deixam a cargo da escola. Na fala das professoras

consideradas menos desmotivadas os fatores que as influenciaram foi o mau comportamento do aluno, o salário, as condições precárias de trabalho e com o sistema educacional, no qual não vê melhoria para a educação. Nos dois grupos de professoras foram encontrados em comum, nos fatores de desmotivação, a falta de recursos e o descaso do governo com o sistema educacional.

## 5. Discussão

Pode-se esperar que a maior satisfação de um professor esteja no prazer de ensinar, mas o que a presente pesquisa mostrou que foi esse fator não é o único. O gostar de ensinar juntamente com o aprendizado do aluno são fatores de satisfação intrínsecos, segundo Herzberg (1959) citado em Borges, Zanelli e Bastos (2004), assim como o professor ter o reconhecimento do seu trabalho, sendo valorizado e respeitado. O salário, a estabilidade de emprego, ter condições de crescer na profissão e o status do professor são vistos como fatores motivacionais extrínsecos e também são fatores de satisfação quando ocorrem. Quando se referem a fatores de insatisfação temos a falta de interesse e indisciplina dos alunos, as condições precárias do ambiente de trabalho, a falta de valorização, a falta de respeito e o salário que não corresponde às expectativas dos professores.

Como fatores externos de motivação extrínseca valorização e o reconhecimento, na fala do grupo estudado, apresentam-se insuficientes, pois além da profissão não ser valorizada pela sociedade, governo e por pais de alunos, também não são valorizados em remuneração onde, segundo os professores, que o salário não é o que realmente eles merecem. Há um reconhecimento por parte de alguns alunos quando demonstram valorização pelo trabalho do professor, e que também é uma satisfação para o professor receber isso dos alunos. Entre os fatores de satisfação, o grupo abordou sobre o desenvolvimento do aluno, ver o aluno aprender a ler e escrever e o retorno do aluno quanto à dedicação do professor. Maslow (1943) citado em Borges, Zanelli e Bastos (2004), como se viu, propôs que são cinco as necessidades do indivíduo: fisiológicas, de segurança, sociais, de estima e auto-realização. Quando relacionadas aos professores, pode-se sugerir que as necessidades fisiológicas, de segurança e sociais são normalmente satisfeitas, já as necessidades de estima e auto-realização

podem ser consideradas raramente atingidas, quando analisada a fala do grupo sobre valorização e reconhecimento profissional. Os fatores externos de motivação como salário e status tornam-se fatores de insatisfação, já que o salário não corresponde ao que se espera pela profissão exercida e, de acordo com uma das professoras entrevistadas, o professor não tem status: *“Você não tem status, se você tá numa roda de amigos... O pessoal pergunta o que você faz... Ai, você responde que é professor e o pessoal fica ahhh... É... Falta desmaiar assim do seu lado [...]”*.

Os fatores que levam à motivação do professor referem-se ao desenvolvimento dos alunos, à vontade de ajudar o aluno, o contato que se tem com a criança, a valorização, os desafios de se ensinar que, mesmo com dificuldades, consegue-se resultados positivos. O que ficou evidenciado foi que, as professoras têm prazer no que fazem e a consciência de que o fato de ensinar tem sua importância e necessidade para os alunos, assim como abordam Ryan e Stiller (1991), Ryan e Deci (2000a) e Ryan e Deci (2000b) citados em Boruchovitch (2007), quando explicam que a atividade ou tarefa é realizada pela importância ou pelo nível de motivação extrínseca.

Como na pesquisa de Oliveira e Alves (2005), observou-se que a satisfação está associada ao gostar do que faz, por gostar de crianças e ver o retorno do trabalho do professor. Outro ponto em comum refere-se aos fatores associados à insatisfação descritos como má remuneração, desvalorização e a falta de respeito por parte do governo. Um elemento não foi citado pelo grupo estudado, como fonte de satisfação, as férias, como citada na pesquisa de Moreira (2005), mas elementos como status e estabilidade no emprego apareceram tanto nessa pesquisa como na de Moreira. Em sua pesquisa, Moreira (2005) citou que a falta de interesse dos alunos e a indisciplina aparecem como insatisfação por parte dos professores, como também pode ser verificada na presente pesquisa. O salário é citado nas três pesquisas como fonte de insatisfação. Na pesquisa de Moreira (2005) a concepção dos professores é a de que o

salário não é tão importante desde que se ganhe para viver com dignidade; o grupo estudado por essa pesquisa aponta que o salário não é o que se merece, mas que dá para sobreviver, que são até privilegiados quando comparados a outros estados e cargos públicos.

O que se observou foi que, quando se trata de motivação ou satisfação, é comum estar associado na fala a esses temas, respostas retomam para o aluno, o desenvolvimento do aluno, o professor se sente motivado e satisfeito quando o aluno aprende, desenvolve-se ao longo do ano, faz as tarefas e o professor vê o retorno do seu trabalho. Na fala referente à insatisfação e desmotivação, as brigas dos alunos e a desvalorização por parte do governo são os fatores citados. Um ponto não analisado, mas percebido durante a pesquisa, foi que, durante as entrevistas e na pergunta sobre o quanto se sentem motivadas em relação ao ano passado, e como os outros professores vêem a sua motivação, fica claro que as três professoras que lecionam há mais tempo (mais de dez anos) apresentaram um alto grau de motivação e prazer pelo trabalho. Quanto às três professoras que lecionam a menos tempo (até seis anos), duas professoras apresentaram um baixo grau de motivação e uma apresentou um grau bastante elevado, e quando questionada se essa motivação acontecia por estar no começo da carreira ela descreve: *“O pessoal fala muito isso... Ela tá assim porque tá no começo... Mas... Assim me considero muito organizada, planejo tudo que eu quero, meus objetivos e vou aplicando, se você seguir o que você planeja tudo flui...”*.

A resposta ao questionamento central do estudo foi percebida vista em dois momentos, nas perguntas preliminares da escala e nas falas das professoras na entrevista. Ao longo da análise e discussão verificou-se que em alguns aspectos os grupos apresentam semelhanças e em outras grandes diferenças. O que pode ser visto bem claramente é que no grupo das professoras mais motivadas o aluno sempre aparece com um fator de satisfação ou de motivação, ao contrário do grupo das menos motivadas que consideram que o aluno, em seu mal comportamento e desinteresse, influenciam na desmotivação.

**Tabela 4**

Fatores que influenciam na motivação das professoras mais motivadas e menos motivadas

<b>Fatores de Motivação (Professoras Mais Motivadas)</b>	<b>Fatores de Motivação (Professoras Menos Motivadas)</b>
Desenvolvimento do aluno	Melhor comportamento do aluno
Ajudar o aluno	Mudança na educação
Ser valorizada pelos alunos	Resultados positivos frente às dificuldades

A Tabela 4 mostra na fala das professoras, quais são os fatores que influenciaram as professoras mais ou menos motivadas. Na parte das mais motivadas foi unânime o fator aluno como fonte de motivação, quando estes reconhecem o trabalho do professor e crescem no seu desenvolvimento nos estudos. Enquanto na parte das desmotivadas aparece a esperança de que o aluno melhore o comportamento, que a educação melhore e o alcance de resultados positivos, mesmo com as dificuldades de ensinar em condições precárias e com o mau comportamento dos alunos.

**Tabela 5**

Fatores que influenciam na desmotivação das professoras mais motivadas e menos motivadas

<b>Fatores de desmotivação (Professoras Mais Motivadas)</b>	<b>Fatores de desmotivação (Professoras Menos Motivadas)</b>
Falta de recursos	Condições precárias de trabalho
Descaso do governo	Salário
Os alunos param os estudos	Sistema educacional não progride
Os pais não dão atenção aos filhos	Mau comportamento do aluno



Na Tabela 5, de acordo com a fala das professoras, são apresentados os fatores que influenciam na desmotivação. Em comum aos dois grupos têm-se as condições precárias de trabalho, como a falta de recursos materiais, o espaço físico na escola e o descaso do governo com o sistema educacional, de baixa qualidade e que não avança. Nos aspectos que diferenciam as professoras mais motivadas e das menos motivadas temos, para as mais motivadas, como fatores de desmotivação o abandono da escola pelos alunos e a falta de atenção dos pais para com seus filhos. Para as professoras menos motivadas, os fatores de desmotivação se concentram no salário baixo, e no comportamento dos alunos.

Em suma, os fatores que motivam os professores estão voltados para o aluno, no desenvolvimento do aluno. Por mais que existam fatores que desmotivem o professor como a desvalorização da profissão, as condições de trabalho não adequadas e o salário não equivalente à carga da profissão, o professor ainda tem a preocupação de procurar formas de desenvolver a aprendizagem do aluno, superando as dificuldades existentes. Mesmo diante das dificuldades o professor não deve se deixar influenciar pelo lado às vezes ruim da profissão, pois, como uma professora mesmo citou durante a entrevista, tem que se valorizar o que se tem, ou seja, os alunos, que são a principal razão do professor lecionar. Os professores que lecionam num mesmo contexto escolar apresentam diferenças e semelhanças nos fatores que influenciam na motivação e na desmotivação, e que fatores como salário, condições de trabalho e desenvolvimento do aluno são condições que aparecem na fala tanto da amostra aqui estudada quanto em amostras de outras pesquisas, com professores de contextos escolares diferentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central da pesquisa foi o de observar os fatores que motivam e desmotivam professores de um mesmo contexto escolar, diferente de outras pesquisas relacionadas à motivação de professores, por exemplo, a pesquisa de Moreira (2005) que estudou fatores de motivação, satisfação, entre outros, em de contextos escolares diferentes sendo, todas as pesquisas realizadas em escolas da rede pública. Pode-se observar claramente que na pesquisa, de Oliveira e Alves (2005) e na de Moreira (2005), os professores tanto que lecionam na mesma escola quanto em escolas diferentes, demonstra que um ou outro elemento se difere, mas em geral os fatores de satisfação e insatisfação, motivação e desmotivação são descritos na fala de todos os grupos estudados, inclusive nesta pesquisa.

Os resultados desta pesquisa apresentaram um contexto bem rico para os objetivos propostos. As opiniões e percepções das professoras foram bem variadas e claras, tendo questões em que as respostas eram as mesmas e questões com respostas bem diferentes, de acordo com a concepção de cada uma sobre o assunto. As respostas mostraram como para um mesmo ambiente de trabalho o que pode ser extremamente ruim para uma determinada pessoa, para outra pode ser também ruim, mas numa equivalência menor por ter outros fatores que apresentem uma maior carga negativa. A motivação se apresenta de várias maneiras, intrinsecamente ou extrinsecamente. O importante é que o professor não deixe que a desmotivação atinja a qualidade de ensino, pois o professor estando motivado ou não isso se reflete no aluno e não existe aprendizado bem aproveitado se a aula e o professor não lhe proporcionam um prazer em aprender.

Os fatores desmotivacionais são o salário e a desvalorização, sendo que mesmo com eles o professor encontra no aluno um fator de motivação. Além disso, o professor não vê

outra “salvação” para a sociedade que não seja a educação, onde as crianças sejam incentivadas a buscar conhecimento.

É fato que para um bom desenvolvimento do aluno e para uma educação de qualidade o professor precisa estar preparado desde a sua formação acadêmica, mas é evidente que as condições de trabalho precisam também atender à demanda estrutural e pedagógica do professor e do aluno. É preciso que as políticas governamentais olhem para a educação como necessidade urgente e necessária para que o país não tenha analfabetos funcionais, que todos tenham condições de estudo e que ir a escola torne-se motivador e não obrigação.

O professor motivado ou não continua a realização de seu trabalho, claro com a nítida diferença de que aquele que acredita na educação e num futuro melhor do aluno vai buscar caminhos que ativem a criatividade e o gosto dos alunos pelos estudos, já os que fizerem da profissão uma obrigação remunerada terá sem seus alunos o reflexo de um profissional insatisfeito no que faz, perdendo o aluno na qualidade da aprendizagem e o professor na vivência de um ensino prazeroso.

## REFERÊNCIAS

- Alarcão, Isabel (Org.). (2001). *Escola Reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Bolzan, V. P. D. (2002). *Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos*. Porto Alegre: Mediação.
- Boruchovitch, E. (2007). A motivação para aprender de estudantes em cursos de formação de professores. *Educação*, Porto Alegre. 31,1, p. 30-38, jan/abr. 2008.
- Brasil. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional*, lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.pdf](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.pdf). Acesso em: 05 de mar. 2008.
- Chiavenato, I. (2004a). *Administração nos novos tempos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier.
- \_\_\_\_\_ (2004b). *Comportamento organizacional: A Dinâmica do Sucesso das Organizações*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- \_\_\_\_\_ (2003). *Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações*. 7 ed. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Ferreira, H. B. A. (2004). *Miniaurélio: O dicionário da língua portuguesa*. 6 ed. Curitiba: Positivo.
- Larocca, P. (1999). *A psicologia na formação docente*. Campinas: Alinea.
- Magalhães, C. C. M. (2004). *A formação do professor como um profissional crítico*. Campinas: Mercado de Letras.
- Mendes, A. A. e Gitahy, C. R. R. (2006). Fatores que Influenciam na Motivação de Professores da Rede Estadual de Ensino, no Exercício do Magistério na Cidade de Maringá – PR. *Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*. 11, 2, p. 97-112.

- Moreira, H. (2005). A Motivação e o Comprometimento do Professor na Perspectiva do Trabalhador Docente. *Série-Estudos – Periódico do Mestrado em Educação* da UCDB. n. 19, p. 209-232.
- Moysés, L. M. (2001). *O desafio de saber ensinar*. 9 ed. Campinas: Papirus.
- Oliveira, E. B. C. e Alves, B. P. (2005). *Ensino Fundamental: Papel do Professor, Motivação no Contexto Escolar*. Disponível em: [www.sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/31/09.pdf](http://www.sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/31/09.pdf). Acesso em: 05 mar. 2008.
- Patto, S. H. M. (1990). *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Perrenoud, P. (2002). *A prática reflexiva no ofício de professor: Profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed.
- Perrenoud, P.; Paquay, L.; Altet, M.; Charlier, E. (2001). *Formando professores profissionais*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Rego, T. C. (1995). *Vygotsky. Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Rios, Terezinha A. (2001). *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo: Cortez.
- Sá-Chaves, I. Informação, formação e globalização: novos ou velhos paradigmas. In: Alacão I. (Org.). (2001). *Escola Reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Spector, Paul A. (2006). *Psicologia nas organizações*. 2 ed. São Paulo: Saraiva.
- Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. 4 ed. Petrópolis: Vozes.
- Vygotsky, L. S. (1987). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martim Fontes.

Zanelli, C. J.; Borges, A. E. J.; Bastos, B. V. A. (2004). *Psicologia, organizações e trabalho*.  
Porto Alegre: Artmed.

.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O presente trabalho de pesquisa tem por fins A conclusão do curso de graduação de Psicologia, com análise do ambiente de trabalho. A pesquisa será realizada por meio de entrevista semi-estruturada para verificação dos objetivos com um tempo médio de 1 (uma) hora. A presente pesquisa não apresenta riscos e seus objetivos são totalmente acadêmicos, todos os dados são sigilosos somente os resultados poderão ser utilizados para fins de divulgação científica (Congressos, Artigos etc). Você tem total liberdade para não participar e para desistir da mesma a hora que quiser, a desistência ou não participação não acarretará problema algum ao Participante. Você não receberá pela realização e a indenização por danos caso houver será conforme previsto em lei.

Em caso de dúvida você pode entrar em contato com os pesquisadores pelos e-mails descritos abaixo, além do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB.

Concordo em participar:

\_\_\_\_\_  
Assinatura

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Jaqueline Lopes Barreiros

Aluna de Monografia

Contato: jaqueline.barreiros@gmail.com

Eillen Pfeiffer Flores

Professora de Psicologia e Orientadora de Monografia

Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Contato: eileenflores@brturbo.com.br

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa do UniCEUB

Contato: 3340 1363

E-mail: comite.bioetica@uniceub.br



## APÊNDICE B

### Roteiro de Entrevista

Idade: \_\_\_\_\_ anos

Gênero: ( )Feminino

( )Masculino

Estado Civil:

( )Solteiro(a)

( )Casado(a)

( )Viúvo(a)

( )Desquitado(a)

( )Relacionamento estável (mora junto)

Filhos: ( )Sim. Quantos \_\_\_\_\_

( )Não

Escolaridade:

( )Graduação

( )Pós-graduação

( )Mestrado

( )Doutorado

( )Pós-doutorado

( )MBA

Leciona: \_\_\_\_\_ anos

Perguntas para categorização das professoras motivadas e das professoras desmotivadas

1. Você acha que os outros lhe vêem como um(a) professor(a) motivado ou desmotivado(a)? (numa escala de 1 a 10, onde 1 é totalmente desmotivado(a) e 10 é totalmente motivado(a))
2. Seguindo a mesma escala acima, onde você se situa na, média, considerando o ano que passou?
3. E onde você se situaria hoje?

Responda então:

1. Por que escolheu ser professor (a)?
2. Há motivação para dar aula?
3. Supondo que você tenha dificuldades em seu trabalho, por que ainda leciona?
4. Há valorização da sua profissão?
5. Há respeito para com os professores?
6. Já se sentiu em algum momento frustrado(a) em sua profissão? Em que contexto(s)?
7. Já se sentiu desmotivado a ponto de querer largar à carreira? Em que contexto(s)?
8. Já se sentiu muito motivado(a) em sua profissão? Em que contexto(s)?
9. Você é comprometido para com a escola e seus alunos?
10. As condições de trabalho são satisfatórias?
11. Seu salário compensa as dificuldades de dar aula?
12. O que lhe proporciona alguma satisfação ou insatisfação?
13. Sua carga horária de trabalho (lecionar e carga administrativa) atrapalha seu rendimento para ensinar?

## APÊNDICE C

### PERGUNTAS E RESPOSTAS

#### POR QUE ESCOLHEU SER PROFESSORA?

##### Participante 1

Questão de oportunidade... Porque foi o primeiro concurso que eu fiz e passei... Eu não escolhi ser professora... Foi a oportunidade que eu tive na época e eu fiz a prova e passei...

**Você tinha feito magistério?** Isso... Eu fiz magistério... Eu não escolhi ser professora... Foi questão de oportunidade na época eu fazia magistério já estava trabalhando... Aí eu fiz a prova passei... E... Nunca sonhei em ser professora... Foi acontecendo na vida...

##### Participante 2

Eu acho que na verdade as coisas foram acontecendo assim sabe... Porque eu estudava em escola pública... Moro aqui no P. Norte sempre morei... Cheguei aqui pequenininha... Eu estudava em escola pública e minha mãe já é professora da rede também... Aí eu fui fazer o vestibular do PAS (Programa de Avaliação Seriada) aí, eu fiquei naquele número de vagas tudo... Fui da primeira turma entrei em 99, bem novinha... Aí eu não tinha assim muita escolha... Não tinha ainda assim um gráfico pra falar qual é mais concorrido qual é menos concorrido... E me mandaram o manual do aluno e eu achei interessante... Aí eu li lá pedagogia e gostei... Sempre gostei de criança... Sempre brinquei de escolinha uma coisa que eu sempre fiz mesmo com prazer... Aí acabou que eu quis... E a minha mãe não queria de jeito nenhum... Não... Não... Faz psicologia ou então outra coisa... Aí eu falei que não que queria... Cheguei em casa e disse que tinha feito pra Pedagogia que queria trabalhar com criança... Só que eu não tinha muita noção... Eu tinha 16 anos quando acabou a fase... Acho que entrei lá com 16... 17... Era muito novinha, então eu não tinha muita noção assim sabe, aí eu optei... Acabei sendo aprovada e fui fazer... Ai depois quando eu tava terminando veio o concurso... Aí eu fiz, aí eu fui aprovada... Só que demora pra caramba pra ser chamado... Ai eu fui pra João Pessoa mora um tempo lá... Porque eu tava muito estressada, fiz segundo grau... Ai fui pra UnB tudo muito nova, cansei... Fiquei muito cansada e fui passar um tempo lá em João Pessoa, aí depois fui pra Barreiras que é minha cidade natal lá... E lá que eu trabalhava, dava aula... Aí eu fui chamada aqui em 2005 na fundação, porque o concurso demora... Aí as coisas foram acontecendo mas eu gosto muito do que faço... Apesar que eu acho que não sou

valorizada financeiramente... A gente acha que não é valorizado financeiramente mas eu faço porque eu gosto e todo dia eu venho pra cá de bem com a vida e me sinto realizada.

### **Participante 3**

Por conta de uma professora minha do pré que eu tive, não foi indicação foi querendo imitá-la, que me alfabetizou... Minha alfabetizadora... Até hoje eu lembro detalhadamente dela, em sala de aula o que ela fazia... Das cantigas de roda das brincadeiras, de tudo até dos deveres eu lembro... Então me marcou muito e eu queria ser igual a ela de qualquer jeito, daí que deu o desejo mesmo...

### **Participante 4**

Olha só quando eu fiz o vestibular pra Pedagogia na verdade eu achava que a Pedagogia era como se uma Psicologia voltada pra parte educacional, eu fiz essa confusão, eu achava que era isso... porque na verdade eu gostava muito de Psicologia... Tanto é que minha segunda opção foi Psicologia, então quando eu fiz pedagogia eu achava que era isso... Só que aí quando eu entrei lá eu vi que não, era que era pra ser professora, mas de qualquer jeito eu já tava lá e tava gostando do curso, continuei fazendo.

### **Participante 5**

Desde pequenininha... Três anos de idade que já queria ser professora, eu gosto. Eu gosto de ajudar as crianças, eu gosto de estar perto das crianças, gosto da parte didática mesmo... de tá planejando, de tá levando novidade pra criança... Eu gosto desse mundo aqui.

### **Participante 6**

Porque eu gosto, sempre... Desde... De criança... Nunca pensei em exercer outra profissão... Foi algo assim natural...

## **HÁ MOTIVAÇÃO PARA DAR AULA?**

### **Participante 1**

Tenho, só que eu sinto muita dificuldade na turma, os meninos eles... É muitas vezes não fazem as tarefas, a família é muito difícil, o relacionamento na escola é muito difícil e às vezes eu me sinto desmotivada por esse motivo, mas se for só a minha parte eu tenho motivação... Mas quando é o conjunto, me sinto mais desmotivada.

### **Participante 2**

Eu gosto... Sempre gostei... gosto de criança, gosto de lidar com criança acho elas muito transparentes, muito sinceras e tento fazer o meu melhor.

### **Participante 3**

Tenho... Numa escala de 9... Eu amo o que faço gosto muito.

### **Participante 4**

Muita não... Ah porque não. assim como eu tô dando aula pra segunda série minha turma é... Tem quatro níveis diferentes... Eu tenho aluno que nem sabe o alfabeto, eu tenho aluno que tem muitas dificuldades... Numa sala que tem 35 alunos pra você conseguir trabalhar em quatro níveis diferentes com aluno que nem sabe o alfabeto e muito complicado, você não consegue dar atenção nem pro que precisa muito nem pro que não precisa tanto, mas que precisa também...

### **Participante 5**

Tem vários casos... Pelos menos as colegas com quem eu convivo elas são bem motivadas... Têm muitas coisas que concorrem pra deixar a gente triste, mas o compromisso que você tem na sua sala de aula... A gente não pode deixar influenciar... Porque tem questões, ao meu salário deveria ser melhor, a que a escola deveria ser melhor, aí porque o aluno deveria ser melhor, porque a família do aluno deveria ser melhor... Com certeza muitas coisas deveriam ser melhores mas não é isso que vai fazer com que a gente comece a botar culpa nas outras partes e deixar o compromisso da gente de lado... Deixa o papel da gente pra lá...

**Participante 6**

É de gostar... É de ver o desenvolvimento do aluno... No momento que você começa a desenvolver um trabalho e você percebe o desenvolvimento do aluno, você percebe que o aluno vai adquirindo conhecimento que o aluno vai desenvolvendo, que ele vai descobrindo outro mundo aí é isso que me motiva a estar sempre gostando do que faço.

## **SUPONDO QUE VOCÊ TENHA DIFICULDADES EM SEU TRABALHO, POR QUE VOCÊ AINDA LECIONA?**

### **Participante 1**

Porque que eu leciono... Das dificuldades... **Por que... que diante das dificuldades em seu trabalho, por que você ainda leciona?** Porque eu preciso de dinheiro, a minha motivação maior é além de paz e um pouco de satisfação é o dinheiro.

### **Participante 2**

Uma aula nunca é igual à outra, isto também eu gosto porque eu não gosto de rotina... De coisas que sejam sempre iguais eu tenho muita dificuldade, então assim na sala de aula nenhum dia é igual ao outro... Às vezes você planeja uma coisa e chega lá é completamente diferente... E eu acho que a pessoa tem que tá preparada pros desafios, pros problemas e eu gosto disso e não vejo problema não... Me dou super bem com as crianças, não é me achando não, mas eu gosto das crianças, me dou bem, eu gosto mesmo e as coisas vão acontecendo...

### **Participante 3**

Pelo amor à profissão, por necessidade também, né... Por precisar do dinheiro... Muitos não são por amor... são pelo dinheiro mesmo... Mas eu sou pelo amor mesmo. **Esse dinheiro vale realmente à pena?** Valer não vale não, mas assim eu acho que não saberia fazer outra coisa... Já tentei, já estudei pra outros concursos... Mas fica aquele vazio, eu fico pensando meu Deus se eu sair daqui o que é que eu vou fazer... É como se eu não soubesse fazer outra coisa, posso até apreender, mas não querer aprender, entendeu?

### **Participante 4**

Eu continuo dando aula porque eu sou concursada, porque se eu não fosse já teria procurado outra coisa...

### **Participante 5**

Eu particularmente, eu respondo por mim, eu dou aula porque eu acredito na educação, eu também acho que... Que muita coisa se resolveria se a família e a educação andassem juntos... Porque assim existem problemas de família que a escola ajuda muito, sana muita coisa, claro não é a grande salvação do planeta, a educação... Mas tem muita coisa que a escola é assim um suporte muito grande. Porque a agente acaba até carregando responsabilidades que não

são nossas... Que é o psicólogo pra isso, psicólogo pra aquilo e a professora acaba sendo uma psicóloga, uma mãe, uma amiga ou pra família ou pra criança mesmo, aí a escola além de lecionar, ensina as coisas que precisa... Meu crédito com a escola é muito grande e eu acredito que é por aí que a gente tem que se dedicar mais... Todo mundo tem que se dedicar mais à educação.

### **Participante 6**

Olha eu não tenho dificuldade assim em nível de conhecimento, de conteúdo eu não tenho esse tipo de dificuldade não... Eu tenho mais dificuldade pelo problema de saúde que eu tenho... E eu continuo porque eu gosto né... E acho que ainda tenho muito a oferecer e muito a aprender, porque o profissional em sala de aula, ele tanto tem muita coisa a oferecer à criança como a aprender, então eu acho que ainda tenho muito a aprender e pra mim não seria uma boa coisa ficar afastada da sala de aula.



## **HÁ VALORIZAÇÃO DA SUA PROFISSÃO?**

### **Participante 1**

Não, acho que antigamente era mais valorizada... Hoje não, pai chega grita com você na porta da sala... Ele reclama... O aluno grita com você também... Acho que hoje... Hoje não é mais como era antes...

### **Participante 2**

Financeiramente... **Num todo.** Por exemplo, você não tem status, se você tá numa roda de amigos... Você... Aí o pessoal pergunta o que você faz aí você responde que é professor e o pessoal fica ahhh... É... Falta desmaiar assim do seu lado... Eu acredito que seja todo um contexto histórico, porque os primeiros professores eram as tias, eram freiras, as mulheres que esperavam marido, tudo isso e não tinha reconhecimento, eu acho que é um contexto histórico mesmo... Hoje mesmo as pessoas tendo faculdade, graduação, tendo um curso assim né que... Eu considero um curso bom, o de pedagogia não é como deveria ser, mas é um curso bom, então eu acho que é um conceito histórico mesmo que as pessoas não têm noção da importância do professor, que ela é a base que pode tá mudando uma sociedade, que ela pode tá mudando a realidade de famílias... Que a criança vem de família de pai e mãe analfabetos e através da educação pode tá mudando, pode tá melhorando... Então eu acho que é falta de conhecimento e contexto histórico mesmo e desvalorização.

### **Participante 3**

Quase nada, já houve antigamente houve... Eu lembro que minha mãe dizia que os professores dela eram tão valorizados que quando se falava de professor chamava de mestre... Mestre! Hoje pra ser mestre tem que ter mestrado e olhe lá... E hoje a gente é xingado em sala de aula, é desvalorizado pelo próprio pai.

### **Participante 4**

Não acho que não, a visão do professor tá muito desvirtuada, os pais acham que o professor virou a babá e que a escola só serve pro pai se livrar do aluno... Não vêem mais a função social do professor... Essa função mesmo de educar, de formar um cidadão crítico, um cidadão atuante da sociedade... Os pais não reconhecem isso.

**Participante 5**

Eu acho que a cada dia tá sendo desvalorizado, mais desvalorizado... Não digo só em questão financeira que é reflexo... Eu digo assim na questão social, eu sou filha de professor, eu sei. Quando eu era pequena e alguém falava assim, poxa, olha lá vai um professor, lá vai à professora... Eita. Era aquele respeito, hoje em dia não... Olha lá a professorinha, o professorzinho, as pessoas já acham que é uma profissão que a pessoa não deve ter tido muita escolha pra escolher isso daí, já não se tem tanto respeito como se tinha há algum tempo atrás, nem eu lembro que quando meu pai era professor que saía assim que mostrava o contracheque, alguma conta o pessoal não chamava de professor, chamava de mestre. Mestre Olívio, então falava o nome dele assim e eu ficava achava bonito nossa que legal que respeito... Hoje em dia a gente vê assim até pela nossa comunidade, assim a gente tá andando na escola vê cochicho, olha aquela professora, se veste mal, aquele professor... E começa a julgar a gente como se a gente fosse artista, tem que encher os olhos... Tem que ver o que pensa aquela pessoa, o que ela tem a te oferecer, respeito né daquela pessoa que passa o dia inteiro com a criança em sala de aula, merece o mínimo de respeito, tem que conhecer o professor do seu filho... Então hoje mesmo eu tava falando pros meus alunos sobre a questão... O negócio que você trabalha de respeito, atitudes, né... Ai tinha um colega questionando com o outro ai se me xingar eu tenho que bater, a minha avó falou que eu tenho que bater... Aí eu falei assim sua avó ensinou assim eu particularmente eu acho que não é legal. Mas todo mundo aqui já pensou se agisse do mesmo jeito que você e você xinga também e o Pedrinho lá ele xinga e diz que se xinga ele, ele bate... Mais já pensou se ele xingar e alguém bater nele, vai ser pouco tempo pra ele apanhar e pra ele bater né, aí eu tava conversando muito essas coisas com ele ... Olha eu, eu também to nervosa.... Eu também fico nervosa quando alguém me xinga.. Só nessa sala esse ano me chamaram de chata e nem vou repetir os outros nomes que eles falam... isso será que eu sou o que “sangue de barata”? Eu nem ligo, ligo sim, aquilo mexe com a gente, a gente vai embora triste, hoje a minha aluna me desrespeitou na frente dos outros e aí e vou... Nela e bato não aí eu vou questionando essas coisas com ele, que a gente tem que ter o auto-controle, mas olha aí o respeito, agora já tem criança com o cuidado pra falar com a gente, até quando a gente dá bronca abaixa a cabecinha, outros não você da bronca e ele tá lá batendo boca.

**Participante 6**

Não, eu acho que o professor não é valorizado, não é valorizado nem pela sociedade e nem pelo governo... Porque o professor hoje é visto como vagabundo, como alguém que não leva a sério sua profissão... Olha aqueles pais que você tá trabalhando diretamente com eles, eles podem te ver... Mas no momento... No momento que você vê... Que você adoece hoje e pega um dia de atestado, eles já estão, ah! Que professor vive doente, ah! Por que... Então qualquer coisa eles acham que professor é uma máquina que o professor é a babá que tem que tá ali todo dia na hora marcada independente de qualquer coisa, então no momento que você não pode tá ali na hora marcada você percebe que seu trabalho não é valorizado.

## **NÃO HÁ RESPEITO PELO PROFESSORES?**

### **Participante 1**

Não, pouco ainda há, mas é pouco mesmo... Tanto é que teve uma campanha ano passado... Campanha de valorização dos professores.

### **Participante 2**

Por quem... **Por todo mundo, sociedade, pais, alunos...** Eu acho assim que o que vale a pena são os alunos, eles valorizam, os alunos aqui pelo menos na educação infantil da pré escola até o quarto ano e eles valorizam, eles têm o respeito... Eles perguntam assim, por exemplo, qual o dia do seu aniversário, tudo... E eles falam assim a senhora, então tem aquela coisa se você pede pra eles sentarem eles sentam então eles tem aquele respeito, você é a autoridade dentro da sala de aula. Agora eu acho que com relação à sociedade, lógico eles te respeitam você é a professora, só que eu acho que... Confunde assim um pouco respeito eles têm, o que não têm é o reconhecimento pela sua profissão, acho que confunde um pouco, respeito tem respeito assim, nossa ela agüenta trinta, quarenta crianças dentro da sala, coitadinha, é um respeito misturado com pena.

### **Participante 3**

Pouco... Uma minoria da sociedade, alguns pais de alunos, alunos uma minoria... Não vou dizer que nenhum tenha. Tem uma minoria que ainda leva a sério.

### **Participante 4**

O respeito ainda tem um pouco sim... Dos pais dos alunos... Da sociedade em geral não... acho que não tem, mas não é tanto.

### **Participante 5**

Tem casos e casos, tem crianças que mostra bem direitinho como é a família em casa, Deus o livre, eu não vou xingar minha professora, não vou gritar, não vou teimar porque eu sei que se eu fizer alguma coisa com ela ali e ela conta pra minha família, conta pra minha mãe, vai ter problema e outro já sabe que se contar aí já vem as artimanhas ou eu minto ou eu exagero, não mãe não foi bem assim não, a tia fez foi assim porque tem criança que consegue dá nó na família, na mãe e a mãe acredita piamente que o filho tá falando a verdade, o que o filho falou ta certo, não conhece a professora, não conhece o próprio filho também, assim existem

muitas crianças que ainda respeitam a gente e têm muitos pais também que mostram esse respeito... E quando agente vê que existe esse respeito, existe mais ainda o aprendizado, não sei se é coincidência. Porque quando tem um compromisso da família, oh você tá indo pra escola, você tem essa e essa obrigação e sua professora tem essa e essa obrigação a criança tem mais facilidade até... Agora quando só matricula a criança, joga lá e se vira, eu venho aqui pra cobrar depois aí o negócio fica mais difícil, fica bem difícil às vezes o aprendizado, mas muitas vezes é complicado, você vê que por causa de um detalhezinho, uma atencãozinha da família, de alguma coisa já muda...

### **Participante 6**

Olha, algumas pessoas sim, ainda vêem o professor como uma figura de respeito, acho que das algumas famílias que realmente valorizam o próximo, porque eu acho que isso aí depende muito da educação que a criança recebe em casa. Se ela tá acostumada a respeitar as pessoas em casa ela chega dentro de sala de aula e respeita o professor, como ela respeita o pai como ela respeita a mãe como ela respeita os mais velhos. Agora a criança que não tá acostumada a ter respeito pelas pessoas ela encara o professor da mesma forma.

## **JÁ SE SENTIU EM ALGUM MOMENTO FRUSTRADO (A) EM SUA PROFISSÃO? EM QUE CONTEXTO(S)?**

### **Participante 1**

Teve... Mais de um... **Pode citar um?** Citar um... Uai! Quando eu fui agredida por um aluno na sala de aula... Mordeu meu braço, começou a gritar, a rolar no chão, correu na sala, bateu nos meninos, jogou os cadernos no chão, jogou mesa, carteira no chão. Fiquei assim completamente sem reação... Foi um dos piores momentos que eu passei...

### **Participante 2**

Eu tive dois alunos especiais um com síndrome de Willians e doença mental e foi daí que eu amadureci... Eu acho que deu tempo de amadurecer pessoalmente, eu só usava rosa era uma menininha, assim sabe cheia de coisinha no cabelo... As pequenas coisas foram amadurecendo... Eu falava bem fininho, ficava toda grudada nos meninos... Aí fui amadurecendo, eu fui vendo o meu papel como educadora, acabei visitando a casa dos meninos, tive que ir lá... E fui assumindo uma postura diferente... Tem males que vem pra bem... Fui amadurecendo, é uma experiência muito positiva... Aí ano passado eu peguei uma turma com deficiência física e foi muito tranquila, o R., da cadeirinha ali, que não tem as perninhas ele foi meu aluno a J. Que tem problema cardíaco e o C. que saiu da escola a gente conseguiu colocar ele em outra escola, porque ele não tava bem aqui, ele tem deficiência mental, não aprendi nada, tem muita dificuldade então eu tinha os três mais quinze, eu já tava assim já profissional e tinha outros problemas na turma, sempre tem... A turma daqui tem uma coisa você pega quinze só que tem abuso sexual, pai... Tem de tudo e você já vira profissional... Pra mim já foi muito tranquilo apesar da turma ser cheia, eu consigo levar, ser proveitoso.

### **Participante 3**

Ahh, já... Quando você tem que fazer coisas que não são do seu arcabouço, por exemplo, você não consegui superar a expectativa de uma criança, uma carência afetiva... Você tá ali com uma criança especial com outras ditas normais, ela precisa de muita atenção e às vezes você não tem tanta atenção pra dar pra ela, pra não deixar os outros largados, então nesse momento eu me senti frustrada... Porque eu queria ser... Ter mais tempo... Ser mais de uma pessoa pra poder dar conta de coisas assim, nessa questão afetiva... É difícil uma turma porque assim a gente precisa ter uma paciência a mais... Um pouquinho mais de paciência porque é crianças

que não atendem a certas broncas, a você puxar um pouco mais dele... Eles não entendem então você tem que ter um pouco mais de paciência mesmo pra ter tempo pra eles, paciência pra que eles desenvolvam um trabalho no ritmo deles com a calma deles e não brigar com eles, porque se brigar eles ficam chateados, aí não fazem nada e ainda podem acarretar outros problemas, ficam mais frustrados porque eles já têm a dificuldade, porque eles sabem que são especiais, muitos deles sabem eles têm essa consciência, se a gente briga fica pior ainda. Então a gente tem que ter paciência e às vezes a gente não tem.

#### **Participante 4**

Já... Foi uma situação meio que pessoal assim... Quando eu peguei a turma e me disseram que eu tinha pegado um pepino, sabe... Ah você é doida de pegar uma turma de 2ª série, você não sabe o pepino que você tá pegando, eu fiquei muito frustrada com isso, fiquei realmente arrasada... Porque fica parecendo também que você não vai dar conta que você não vai conseguir atingir o objetivo... Eu fiquei bem frustrada...

#### **Participante 5**

Acho que a frustração é constante, hoje mesmo eu tô frustrada... **Por quê?** Você viu lá a turma, casos assim de problemas... Um é hiperativo constatado, podemos dizer até que ele é DM só que não é constatado, você viu lá e outro lá que praticamente também. Vou resumir aqui, crianças agitadas que não conseguem atingir o objetivo da aula... Porque você imaginou, idealizou uma aula simples tranqüila e de repente por causa disso ou daquilo, da reação das crianças ou da falta de interesse ou da distração ou de coisas que você não consegue esperar, que têm os hiperativos, crianças que você não consegue controlar que vira sua aula assim do avesso... Aí você chega no final puxa eu planejei isso e não dei conta nem da metade... Porque o planejamento ele é versátil, você pode tá mudando eu sou acostumada com isso, tudo que você vai fazer você só faz metade, você tem prejuízo só prejuízo... Aquele pouco que você deu, o mínimo que fizeram ainda foi de qualquer jeito... Então assim você fica triste... Pensando o que fazer. Agora mesmo eu tava ali sentada fazendo jogos eu vou ter que mudar minha prática. Vou ter que fazer outras coisas diferentes... Porque às vezes o que você faz esse ano, igual ano passado a gente tava vendo o caderno de planos é outro caderno é uma utopia que no primeiro bimestre eu tava trabalhando frases afirmativas, frases negativas... Então pensa os meninos não estão ainda nem fazendo frases, mal palavras, assim é uma outra realidade, eu não tô o que da questão mesmo, igual comportamento, atenção mesmo. Prende

atenção deles é complicado... O que às vezes está atrapalhando é aqueles meninos que eu quero atingir pra ver alguma coisa e que não estão se deixando atingir, total desinteresse, tá tudo bem, deixa assim mesmo e a gente fica assim chateada... A gente vê assim um ou outro se elevando, não tô tão mal assim, tem dois ali que tão. Que tá surtindo efeito mas é muito pouco a gente quer mais

**Participante 6**

Todo final de ano... É se tiver um aluno que não conseguiu o desenvolvimento esperado... Então assim você pode conseguir que 90% da turma, 99% da turma tenham um bom desenvolvimento, mas se um aluno não desenvolver bem então aquilo ali é uma frustração.



## **JÁ SE SENTIU DESMOTIVADO(A) A PONTO DE QUERER LARGAR A CARREIRA? EM QUE CONTEXTO(S)?**

### **Participante 1**

Não, não chegou a esse ponto não... Já fiquei triste, várias vezes tristes... Já chorei já me arrependi de algumas coisas, mais largar a profissão não...

### **Participante 2**

Nessa época, quando eu tava no segundo ano aqui na escola que ninguém entendia os meus anseios... Porque você é sozinha, sabe você tem que tá com muito cuidado com as palavras, eu não podia falar que o menino não dava conta... Que eu não queria a criança... Eu não podia falar nada... Você leva menino no colo... Nessa época eu emagreci muito, eu era muito fresquinha tudo que comia voltava... Era muito xixi, muito cocô, muito vomito... Aquele negócio que faz assim quando a criança comi e volta... Gofó... Depois disso eu como normalmente... Mas nessa época eu pensei assim... Fiquei muito desmotivada... Porque você se sente sozinha as coisas acontecem e você não tem com quem contar aí os outros ficavam pegando fogo dentro da sala, derrubando tudo e você com os meninos dando trabalho e o pessoal só sente pena, ajuda que é bom não vem de ninguém assim vem ajudar, não vem...

### **Participante 3**

Já teve alguns momentos que eu senti... Quando numa escola que não tinha recurso, nem sala adequada, nem material adequado, você se sente assim numa ilha o que você vai fazer agora, você não tem nenhuma folha pra dar pra criança, já cheguei em escola assim, então nesse momento eu me senti desmotivada... Mas eu depois, você vê aquela criança com aquele desejo tão árduo de aprender, tão grande de querer romper, de querer crescer na vida que você acaba se comovendo e acaba te fazendo entender que essas coisas são pequenas diante do desejo delas de aprender... Muitas vezes eu já fiquei triste, chateada, mas quando você vê um aluno assim você fala nossa eu não tenho problema não, aí você começa a enxergar que o que você via muito grande na verdade é muito pequeno, as crianças é que têm problemas muito maiores que os nossos

### **Participante 4**

Já... Alguns momentos dentro da sala de aula mesmo, momentos assim quando os alunos são muito agitados, você fala e os meninos não param, tem hora que eu penso, ai meu Deus por

que eu to aqui, vou largar isso não quero mais, são nesses momentos dentro de sala de aula mesmo

### **Participante 5**

Por exemplo, quando a gente escuta assim na televisão ofensas de o próprio governo diz que o professor é vagabundo, têm professores que só são professores porque não existem, não deram conta de passar em outro concurso, essas coisas deixam a gente muito triste, dá vontade da gente ah é então vamos largar todo mundo aqui, a profissão e vamos ver quem vai dar aula, mas ao final das contas é isso que eles querem aí mesmo que surge a nossa vontade de fazer a vontade deles, né... Porque ao mesmo tempo que você sente vontade de chutar o pau da barraca você...vontade de falar assim eu vou ser uma chata, vou ser uma pedra no sapato eu vou continuar na minha profissão... Essas coisas de atestado muitos professores ficam doentes realmente e pegam atestado... Aí generalizam... Se existe picareta, é claro e também existe médico picareta, como é que você vai comprar um atestado, entende... Como é que você vai comprar um atestado se o médico não te vender... Peraí! Vamos investigar então... Os médicos, quais são os médicos que andam vendendo, que estão vendendo atestados, porque os médicos que eu já consultei e consultei meus filhos eu nunca tive esse tipo de problema... Todos... Às vezes assim até... Poxa, eu tô tão ruim acho que o médico vai me dar dois dias e ele só e dá um dia e eu não questiono... Médico rígido... Às vezes são tão rígidos... E esse povo diz que existe que tá dando atestado... Eu não sei não... Eu acho que é mais uma coisa pra magoar a gente porque quem sai magoado são os que não fazem... Igual muitas vezes quando têm essas reuniões falando de atestado muita gente questiona ah mas eu, mas eu... Por que... Porque dói naquele que não fazem... É uma ofensa porque se tem picareta... Faz uma CPI e descobre quem é... Põe na televisão, investiga bem... Prende os culpados... Exonera os culpados... Mas acaba machucando, aí você vai juntando, houve um negócio desse, é na sua sala de aula, é uma briguinha na porta da sala, com pai de aluno que o outro filho falou não sei o que... Que hoje mesmo teve na minha sala a mãe do P. mesmo, veio que a mãe do J. Tinha falado e não sei o que... E vai juntando e no final da tarde você tá assim tão cansada e não é cansada de dar aula... Não tem coisa melhor... Vou te falar um negócio você pegar uma aula daquelas que você não senta um minuto que sua garganta tá doendo e você fala poxa hoje foi bom viu, aprenderam hoje foi muito legal foi muito produtivo, você sai num cansaço mas você tá feliz... Agora esse tipo de cansaço derruba a gente no chão, é um cansaço de insatisfação... (refere-se às ofensas).

**Participante 6**

Não, nenhum momento... Não. Eu nunca pensei em mudar de profissão, eu acredito assim que o que deixa hoje o profissional triste não é a sala de aula é exatamente essa falta de valorização, então são nesses momentos que você pensa em deixar de ser professor, aí você me pergunta o que eu faria se não fosse professora e eu não me vejo em outra profissão... Então eu sei que apesar de tudo pode não ser na Secretaria de Educação mas que eu exerceria essa profissão.

## **JÁ SE SENTIU MUITO MOTIVADO(A) EM SUA PROFISSÃO? EM QUE CONTEXTO(S)?**

### **Participante 1**

Motivação... Quem sabe a turma do ano que vem seja melhor... Seja mais comportada... chega no outro dia e ver que eles fizeram a tarefa.. Essas coisas do dia-a-dia, a rotina. Quem sabe não tem alguma mudança dum dia pro outro... Uma inovação. Ou minha postura mude de um dia pro outro eles tenham uma nova reação

### **Participante 2**

Quando acabou o ano, quando passou 2006 pra 2007 que eu peguei essa turma (Bia 3), uma que eu me senti valorizada, subi... Ai eu peguei essa turma que apesar dos problemas eu me senti mais forte, mais madura, falei aí eu tô podendo, aí eu me senti bem assim... Foi um ano muito tranqüilo.

### **Participante 3**

O momento em que a Secretaria de Educação desenvolve cursos pra que a gente... Não reciclando porque o que a gente recicla é lixo... Fazendo as atualizações... Sempre estão disponibilizando cursos, encontros, palestras... Ultimamente tem melhorado a questão do material... A secretaria vai tá recebendo um material de alta qualidade pra poder tá trabalhando com os alunos... É um ganho muito grande você sente motivada, porque você vê que não tá sozinha que tem sempre alguém investindo em você.

### **Participante 4**

Sim... O fato de ser professora tem a sua parte que é gratificante quando você vê o resultado do aluno, quando seu aluno vem te agradece... Te trata com carinho quando você vê que o seu trabalho foi reconhecido no final do ano vê que o aluno alcançou, que ele progrediu que ele teve um bom desempenho. Isso é gratificante e é o estímulo que eu tenho pra continuar, se não fosse isso, mesmo sendo concursada acho que não estaria mais...

### **Participante 5**

O que mais me motiva é o próprio aluno, quando você tem um contato... Olha vê sempre aquela criancinha sentada na cadeira... Existem mil casos... Existem aqueles que vai pra casa com a mamãezinha, com a família, tem aqueles que vai ficar sozinho, que vai esperar a mãe

dele chegar de noite, tem aquele que não tem o que comer... Vai lanchar três vezes... Quatro pra poder... Saber que em casa não vai ter a comida... Tem aquele que chega sujo... Tem aquele doentinho... Então assim é o convívio que mais me faz ter vontade... O V. mesmo no começo eu tinha raiva porque ele só xingava, e eu ficava meu Deus como eu vou me apegar a uma criança dessa... Que só sabe é... Xingar os outros, me xingar, né... E ele só queria pedir me dá me dá me dá e xingava não tinha nada de atrativo nele. Depois assim no convívio, né... Até porque eu comecei a elogiar ele... Você já viu eu chamar ele de meu amor com ele, você já viu a reação dele... Meu amor, eu sou seu amor... Um dia ele caiu no chão bateu... Tava rolando no chão, eu não briguei... Falei V. meu bebê, levanta do chão, se não você vai machucar... Meu bebê, eu sou seu bebê... É você não meu bebezinho coisinha fofinha da tia, aí ele sentou e ficou pensando... Ficou parado assim perdido, né... Acho que ele nunca ouviu esse meu bebê... Pra ele foi uma palavra nova, aí ele achou interessante... Então assim a convivência, as descobertas faz a gente ter mais vontade de dar mais... Querer... Por isso que a gente fica triste porque quer mais pra eles... Que quando a criança aprende a ler não tem coisa melhor pra gente, a gente fica feliz, meu Deus fulaninho já conseguiu... Que ele precisa saber... Né... Pra quando chegar na outra sala... Na outra série não tá lá massacrado, não tá lá largado, Né.

### **Participante 6**

Acho que agora quando eu retornei, porque eu fiquei dois anos de licença médica, eu corri um risco muito grande de ser aposentada e quando você tem um problema sério você pensa que nunca mais vai estar numa sala de aula e de repente você volta pra sala de aula faz um bem muito grande pra você, pra mim foi algo maravilhoso retornar depois de dois anos, voltar a desenvolver projetos, voltar a ter contato com aluno... Isso aí pra mim é muito importante. Então esse ano eu tô assim no pique.

## **VOCÊ É COMPROMETIDO (A) PARA COM A ESCOLA E SEUS ALUNOS?**

### **Participante 1**

Eu me considero mais comprometida com os alunos... **Em que sentido?** No sentido de passar as tarefas, corrigir as tarefas... De seguir o currículo deles, de adaptar a aqueles alunos que têm deficiência. **Você trabalha só aqui nessa escola?** Só...

### **Participante 2**

Com os dois, eu tenho comprometimento com a escola, sempre chego no horário, eu participo de todos os eventos, quando tem gincana eu sempre sou a campeã e... Assim participo de tudo... Às vezes faz bazar eu trago as coisas... Eu sou bem envolvida tudo que é proposto eu participo... **Você acha que tá muito motivada porque tá no comecinho...** O pessoal fala muito isso... Ela tá assim porque ta no começo... Eu não sei... Eu não sou de querer fazer, querer fazer, mas assim me considero muito organizada, planejo tudo que eu quero, meus objetivos e vou aplicando, se você seguir o que você planeja tudo flui... Tem gente que da aula quatro horas e fica meu Deus e agora... Eu já tenho uma organização... Procuro ter em sala uma caixa de jogos... Então se você se organizar eu acho que você consegue fazer fluir... Claro que tem dia que você não tá afim... Tem dia mesmo que eu venho pra coordenação e não quero e fico sentada, tem dia que ah que quero, aí faço isso, faço aquilo e como na sala de aula tem dia que os meninos não estão afim então você tem que ter a dinâmica de falar, então vamos ler, vamos fazer um círculo eu acho que nos professores mais antigos faltam essa dinâmica mesmo...

### **Participante 3**

Sim... Bastante...

### **Participante 4**

Acho com a escola e com os alunos sim... Porque mesmo com minha... Essa falta de estímulo que eu tenho, eu faço meu trabalho direitinho, eu sou responsável, sou organizada eu me preocupo muito com os meus alunos, eu não consigo me desligar, to o tempo todo pensando, eu acordo pensando como é que vai ser, como é que vai ser o dia, eu durmo pensando meu Deus eu devia ter feito uma tarefa assim, quem sabe assim vai dá, quem sabe assim vai ser melhor, quem sabe se vai ser pior... Então eu sou comprometida sim.

**Participante 5**

Sim sou bastante com os dois...

**Participante 6**

Sim... Eu sempre falo o seguinte que acima de tudo não é porque nós não temos bons salários e que não somos valorizados que não vamos valorizar aquilo que temos e o que nós temos são os alunos e a escola... E a escola só funciona se os funcionários dali se empenharem e quando eu digo funcionários eu falo dos professores, dos assistentes porque aqui na escola nós temos uma ligação muito grande com as assistentes porque nos ajudam bastante com as crianças no recreio ou quando a gente precisa que eles atendam as crianças pra levar ao banheiro ou quando acontece alguma coisa... Eu considero assim a escola como uma família e eu acho que é fundamental pro desenvolvimento do aluno.

## **AS CONDIÇÕES DE TRABALHO SÃO SATISFATÓRIAS, VOCÊ ACHA QUE DÁ PRA DA AULA?**

### **Participante 1**

Dá tranquilo... Faltam algumas coisas, né... Mas acho que o básico que é mais importante a gente tem acesso, tem TV, tem o DVD, o vídeo... A questão da família... Até educação mesmo... É muito aluno que não tem esse controle... É o professor mesmo... **E os pais como geralmente se comportam?** Comportam-se? Eles... Geralmente em reunião de pais olha o boletim e vê a nota... Se tiver acima de cinco tá bom pra ele... A maioria, não são todos... Mas a maioria olha o boletim. A gente põe em azul e vermelho. Se tiver em vermelho ele pergunta, mas por que... Geralmente vê o azul olha tá tudo bem... Não tem aquele comprometimento de vim questionar, ficar olhando o dever... Tá olhando os trabalhos... São poucos muito poucos.

### **Participante 2**

De forma nenhuma. A gente tem uma sala de vídeo, quando chove cai goteira na nossa cabeça, o home teacher funciona quando ele quer, no vídeo cassete não tem ligação com o home teacher, a quadra é horrível, ano passado eu tinha muito problema com o R. que não tem as perninhas é sensível, apesar de parecer grosso, é sensível e ele quer jogar futebol, eu tinha que entrar em campo pra jogar futebol com ele e ele queria jogar, ele não abre mão de jogar ou de participar de qualquer atividade, não abre mão... Você tem que carregar ele nas costas, tem que dar um jeito, mas ele tem que participar e ele briga sim... Ele sabe muito bem dos direitos dele, ele vai, você tem que tá preparada pra ele, você já viu a quadra, é toda esburacada, suja... Aí eu e ele lá pro meio da quadra jogar, eu na defensiva dos outros era uma comedia... Mais eu acho que estrutura mesmo não tem... Tem aquela quadra, toda esburacada, uma bola, um pedacinho de corda... Essas horas também da uma certa chateação... Na hora do recreio também quando eu voltar da recreação que é quinze minutos, eu mereço e eles também, quando a gente volta eles estão tudo machucados porque não tem nada pra fazer só correr, só tem o lugar de joga os meninos tudo... O salão ali tem uma acústica horrível, ano passado a gente fez uma apresentação com as meninas, elas estavam pintadas e a tinta já tava escorrendo, já tava chegando no peito das meninas, a maquiagem, muito quente quando coloca eles lá, o som é horrível qualquer gritinho que eles dão vai nas alturas, a biblioteca tá furada, o teto quebrou um negocinho desse, então assim... A sala de aula lotada eu tô com trinta e quatro agora. Fizeram reagrupamento eu tô com trinta e quatro crianças sendo que o M. tem deficiência mental, só que é leve, é independente... Só de vez em quando que ele da



uns devaneios e to com o C. que é distrofia muscular, tem dificuldade pra andar, eu tenho que sempre pegar na mão dele, ele tem vergonha de ir ao banheiro, por exemplo, tem vergonha de beber água, aí eu tenho que fazer fila... Vamos pra fila pra poder pegar na mão dele e ele ir, porque eu fico preocupada, mas a estrutura assim não tem... Ontem mesmo ele saiu e ele é bem fortão aí ele caiu e eu não consegui levantar fiquei fazendo o maior esforço e não consegui, tive que pegar a perna dele tá um puxadão tipo pra pegar no tranco, nossa é horrível na hora do recreio todo mundo olhando eu lá tentando e todo mundo olhando e falando meu Deus coitado, mais ninguém vai lá e ajuda... Estrutura mesmo não tem não... Temos que ser guerreiros, levar na esportiva. Mas o bom que eu acho é que não tem rotina.

### **Participante 3**

Em termos, as nossas salas não são adequadas como a gente gostaria principalmente pra quem tem aluno especial como a gente tem é muito complicado... Porque a gente teria que ter um banheiro mais próximo, mais acessível àquelas crianças que têm problemas de locomoção... É teria que ter um parquinho com areia pra elas estarem pisando na areia... Pra tá desenvolvendo outras coisa e nós não temos isso... Uma brinquedoteca... Uma sala com bastante brinquedo, nós estamos querendo fazer isso esse ano... Com recursos próprios nossos porque o que mandam não é suficiente, nos estamos com um projeto aí de até no meio do ano de fazer a brinquedoteca, porque muitas crianças aqui não têm brinquedo pra brincar tem uns caquinhos veio que ganha dos outros, então elas não têm esse muito que elas vêem na televisão, então é um projeto que a gente tem de fazer... Nosso ambiente poderia ser melhor, eles poderiam investir melhor nas escolas, não a nível de uma escola particular, que tem muito recurso que vem daquele aluno, mas assim pelo menos o básico... Uma brinquedoteca, uma sala pra fazer ginástica, uma quadra pra eles brincarem de futebol, uma quadra adequada sem buracos com trave direitinho sem ter que colocar nossos ajuste pro aluno.

### **Participante 4**

Sim o básico sim... A gente não tem uma estrutura melhor, por exemplo, a gente não tem uma brinquedoteca que é importantíssima, acho assim que a ludicidade é essencial ao aluno... A biblioteca também, você vê que não é lá essas coisas, os alunos não são tão motivados a virem aqui, tem coisas que deixam a desejar mesmo...

### **Participante 5**

Sempre tem o que melhorar e assim eu já tive em ambientes bem mais fracos, já tive em ambientes que, por exemplo, a gente não tinha folha pra rodar o dever... Então por exemplo a gente tinha que pegar aquilo ali era um tesouro e você rodava do outro lado da folha eu era dinamizadora e no mínimo o que eu precisava era de uma folha pro menino pintar, não tinha material e tudo mais a gente dava um jeito... É assim muito triste pro aluno e mais triste pro professor, porque o professor vê... Poxa eu podia te dar mais do que eu tô te dando... Mas aqui na escola graças a Deus... Em vista das outras escolas que eu trabalhei tem muito recurso... A gente tá sempre procurando melhorar... Tem isso aqui que está fraco vamos tentar melhorar... Vamos fazer uma festinha. Vamos ver o que faz com o dinheiro que arrecadar ou com o dinheiro que o governo manda... Então assim a gente sempre tá buscando uma melhora... Igual ali mesmo a gente tá terminando de construir a salinha de reforço, cadê a nossa sala de reforço não tem, ah... Vamos fazer e aí foi dando um jeitinho aqui e outro ali... Tá lá a salinha...

### **Participante 6**

São precárias você olha aqui a biblioteca onde nos estamos... Aí você observa que... Pra mim isso é um amontoado de livros... É um depósito de livros porque, porque a gente não tem espaço pra desenvolver um trabalho, nós não temos livros atuais, os livros são muito velhos, o material que a gente consegue não é porque venha pra escola, o material que a gente consegue realmente é através do que é desenvolvido na escola que se consegue algum dinheiro pra comprar esse material, nós temos um parquinho devido ao trabalho dos funcionários que montou o parquinho... a escola tá assim... Poderia falar que a gente... A videoteca a gente entra na videoteca e a gente entra com medo, o teto vaza mais água do que fora de lá, então... A gente tem medo de um curto circuito, então são coisas assim que realmente mostram que não houve melhora, mas nem por isso nós vamos cruzar os braços... Agora mesmo nós precisamos de uma sala de reforço. Então todos os funcionários não tinham um espaço pra trabalhar reforço com as crianças e todos os funcionários da escola se juntaram pra construir uma sala de reforço, porque se a gente fosse esperar uma sala de reforço nós não teríamos reforço e quem seria prejudicado o aluno e o nosso trabalho, então assim eu acredito que o dinheiro público é muito mal administrado, por que... As escolas poderiam ter uma estrutura muito melhor, uma infra-estrutura melhor, mas infelizmente isso não acontece e isso deixa a gente muito triste, mas não a ponto de querer cruzar os braços e espera também somente que o

governo faça então a gente tá sempre procurando fazer a nossa parte, mas realmente é tudo muito precário.

## **SEU SALÁRIO COMPENSA AS DIFICULDADES DE DAR AULA?**

### **Participante 1**

Não compensa. Mas é o meu meio de sobrevivência, eu não tenho outra escolha...

### **Participante 2**

Olha eu acho assim que não é o que a gente merece porque você vê a nossa realidade e aqui ainda somos privilegiados, a gente sabe que somos uma escola privilegiada, a gente tem segurança a gente não tem adolescente fora da faixa andando, não tem criança fumando, as crianças tão em sala não importa fazendo o que, mas estão, nos somos privilegiadas... Diante da realidade do nosso país, a gente sabe que a gente é privilegiada... Igual hoje eu tô assim... Quatro anos na secretaria... É pouco, mas... Diante da realidade dos outros no país nos somos maravilhosos, a gente ganha muito mais... Quando eu trabalhava na Bahia eu trabalhava de manhã, tarde e a noite pra ganhar mil reais era super cobrada, era super desgastante, valorizada eu acho que a gente não é porque nós temos curso superior igual à policial civil, igual aos federais e do judiciário e acredito que trabalhamos muito mais, valorizado não somos, mas eu não vou falar tá ruim, tá péssimo, sou miserável, não vou, mas é uma vida de escolhas, ou você compra um carro ou você compra uma casa, uma vida de escolhas, mas valorizado não é não...

### **Participante 3**

Não, eu acho muito pouco, a gente vive numa cidade, Brasília, que tem um custo de vida muito alto, é mais caro... E mesmo nosso salário sendo mais alto do que alguns estados ainda é muito pouco, eu acho que deveria valorizar bem mais que a gente deveria ganhar não um monte de dinheiro, assim exagerado... Mas se a gente for comparar com um deputado, qual que é o trabalho dele, o que ele desenvolve o cenário político num todo, é cargos públicos que nem têm tanto trabalho assim e que ganham muito, uma polícia civil... Claro que eles trabalham pra caramba também, mas eu vejo que o professor deveria ser valorizado também né e ganhar um pouco mais, pra gente ter uma qualidade de vida melhor, até pra cuidar melhor da saúde, nós não temos plano de saúde, a gente tem que pagar do próprio bolso. Então isso nos não temos vale alimentação, o plano de carreira tá sendo refeito agora, novamente depois que a gente ameaçou aí ano passado tão começando a organizar de novo o plano de carreira, o plano de carreira da gente tava só no papel... Então assim é complicado, o que aumenta de um ano pro outro é muito pouco... Acho que deveríamos ser melhor

valorizado e se os professores fossem valorizados acho que as coisas fluiriam melhor em todos os sentidos.

#### **Participante 4**

Assim, o salário não é... Eu acho que não é o que a gente merece, compensa porque acaba que a gente consegue pagar as contas e viver extradionariamente bem, porque aqui o custo de vida é relativamente alto, mas se a gente for comparar com outras profissões que são de nível médio, por exemplo, que o nosso salário tá muito defasado em relação a esses, eu acho que a gente deveria ganhar muito mais.

#### **Participante 5**

Não... Assim deveria ser melhor... E assim tem dia que eu até sorrio, porque puxa essa aula valia dez mil reais porque o que eu passei hoje e tem dia assim que você nem lembra do seu salário... Mas seria importante a valorização... Que quando você tá bem... Com certeza você vai tá, mas tranquilo também pra trabalhar... A gente não ganha tão mal, mas a gente poderia ganhar melhor... A gente precisa de um carro pra trabalhar, a gente precisa ter uma casa isso tudo não é a necessidade de um professor e a necessidade de todo mundo... E professor ele trabalha e é isso que chateia, ele estuda muito, aliás, faz o magistério, faz a graduação, faz pós graduação... E aí o que você ganha, né... Não ganha muito incentivo... Você precisa ser incentivada, vamos supor que você não fez, aí você olha o colega lá que fez, ah. Eu não, meu colega fez e tá ganhando tão pouquinho, aumentou tão pouquinho no salário dele... Pra que. Que eu vou fazer ficar fazendo monografia um trem tão complicado desse, aí desmotiva... Seria interessante... Estão valorizando agora mas seria mais interessante valorizar mais... Pessoa fazer uma faculdade aumenta mais... Fazer uma pós graduação aumenta mais, porque daqui a pouco vai tá todo mundo aí se prejudicando, vai tá bem mais formado, isso ajuda muito... Depois que eu fiz a faculdade me abriu assim me abriu muitas fronteiras e depois que eu fiz a pós-graduação me abriu mais assim os olhos, aprendi muita coisa então o curso me deu isso, não é inválido... Tá aumentando assim o nosso conhecimento.

#### **Participante 6**

Eu acho que não, porque se você for colocar na ponta do lápis o que o professor gasta com estudo mesmo de graduação, de pós-graduação, de mestrado e doutorado tudo que ele investe na sua carreira é muito e que com o curso superior qualquer um outro concurso que você

preste aí fora, você vai ganhar pelo menos o dobro do que ele ganha, ate nível médio exatamente, isso... O que deixa a gente triste é porque aí já parte pra desvalorização, porque é uma função desvalorizada... Uma das mais importantes... Eu nunca me imaginei trabalhando num tribunal numa área burocrática eu não me vejo exercendo uma função assim, mas vejo também que exercer se tivesse o dom pra isso, gostasse dessa área teria uma remuneração muito melhor. Então acredito assim que... Eu ainda tenho esperança que isso modifique e que as categorias elas sejam unificadas, se você presta um concurso pra segundo grau o salário de todas as categorias sejam iguais independente se é legislativo, se é executivo se é judiciário... Se você presta um concurso de nível superior que todas as categorias ganhem igual mesmo... A partir desse momento eu vou acreditar que realmente existe uma valorização, o início da valorização porque aqui você precisa de um computador e não consegue enquanto vários órgãos do governo têm n computadores lá parados e materiais que a gente precisa aqui e que tá parado aí em órgãos públicos, então... Se houvesse uma distribuição melhor disso tudo e uma... Um nivelamento de salário todos os profissionais se sentiriam melhor e a coisa renderia bem mais...

## **O QUE LHE PROPORCIONA ALGUMA SATISFAÇÃO OU INSATISFAÇÃO?**

### **Participante 1**

Satisfação quando eles aprendem, eu corrijo uma prova, um trabalho. Quando eu tô corrigindo no quadro eles respondem, quando eu vejo que eu faço diferença não só no conteúdo mas em aprendizado da vida... O que me traz insatisfação é briga, brigam muito na sala, falam muito palavrão, tem muito ofensa, são coisas que a gente trabalha, sempre tá conversando e não vejo resultado. **Esses alunos que brigam, que batem, você acha que só o professor consegue, porque muitas vezes os pais não querem saber, jogam aqui na escola e deixam, a professora consegue mudar essa realidade ou não?** É um pouquinho difícil, nós ficamos com eles cinco horas e o pai fica o resto do dia... 19 horas... Então muitas vezes você ensina uma coisa boa pra eles e chega em casa ele não tem a continuidade daquele trabalho. Se fala poxa, não vamos xingar, não vamos bater no colega, chega em casa tá lá o pai xingando, chega bêbado... Xinga, fala cada palavrão, bate na mãe e ele fica perdido no caminho, poxa... Na escola eu aprendi que não pode que não é legal... Mas chega em casa a realidade é totalmente diferente e é uma comunidade carente, não é só dinheiro, não é só carente de dinheiro é carente de amor mesmo... De afetividade, carente de dialogo... Em casa... Carência demais... **Você acha que essa carência pesa mais do que a falta de dinheiro?** Eu acho que sim, eu acho que pesa mais... Traz uma dificuldade maior sem sala de aula... Eu tenho aluno que é extremamente carente, não tem dinheiro pra comprar uma folha com pauta sem pauta que custa dez centavos... Mas que é muito tranquilo em sala de aula, ele é comprometido, ele faz as tarefas, faz o dever de casa sozinho não tem ajuda da família e eu sinto o esforço dele... Tem aluno que tem tudo, toda estrutura financeira, né... Só chega de carro, carro do ano... As melhores roupas, o os melhores brinquedos... Mas a tarefa que é importante deixa muito a desejar.

### **Participante 2**

Satisfação eu vejo assim quando a criança aprende a ler uma criança que não sabia nada e de repente começa a ler e a escrever, quando você faz uma dinâmica com eles e eles estão sorrindo, sorrisos assim maravilhosos... São pequenas coisas quando você chega na sala e eles vêm correndo pra te abraçar e você vê que tá valendo a pena... Que você á intervindo naquela vida quando você descobre um caso assim na sala por exemplo um abuso e você vai lá chama a orientação e eles chamam a criança e você consegue tirar a criança daquele pesadelo, acho que nesses momentos que você é útil pra família, tem pequenos momentos assim que vão

fazendo toda a diferença, eles vêm te abraçam você chega e tem um monte de cartinhas em cima da mesa dizendo que tavam com saudade, que te amam acho que nisso aí tem valorização e a desvalorização (insatisfação) é quando você tem um problema na sala e tá sozinha não pode contar com ninguém e a desvalorização financeira isso aí não da muita motivação não a motivação que dá é a das crianças.

### **Participante 3**

O que me proporciona satisfação é ver o trabalho realizado e ter aquele retorno dos alunos, por exemplo, você pega uma turminha que ainda tá num nível que não sabe ler, pra esse lado, por exemplo, que tem a noção das letras e você vai desenvolver um trabalho com eles durante um ano, com projetos, com a ajuda de outras turmas e tudo e ao final do ano ele sair lendo isso é muito gratificante traz uma satisfação enorme pra nós profissionais e pra criança também, que descobriu como a historinha de Joãozinho ele via a letra as escritas nas placas e ficava encucado com aquilo e no fim do ano ele descobriu que aquilo ali também era pra ele, que ele também poderia decifrar aquele enigma e descobrir que aquilo ali era uma coisa universal que todo mundo tinha acesso, só que precisava aprender a ler, hoje em dia a gente vê muitas pessoas adultas que não têm essa oportunidade, infelizmente ainda têm muitos analfabetos e a gente fica preocupado com isso porque o mundo que nós estamos, quem mora em cidades metrópoles, a gente sabe que tudo depende disso, até o mundo digital precisa, se você não for alfabetizado você tá fora, até pra pegar ônibus tudo, então assim é muita satisfação que a gente tem e insatisfação e com aqueles alunos que não querem nada, mais que também não é culpa deles, é culpa de uma estrutura que eles têm em casa... Como um aluno que eu conversei um dia desse que não é da minha turma que eu fiquei muito triste, porque ele vem um dia pra escola e os outros dias ele fica na rua pra pedir dinheiro, pra roubar, ele diz que não tem sentido pra ele a escola, que ele não abre pra que ele estuda, que não aprende nada que ele vem.. Ele não aprende porque ele não vem, perde muita coisa, a gente conversa com ele mas pra ele, ele tá desiludido... A gente tá fazendo um trabalho agora mais sério com ele, tá encaminhando ele pra ver o que ele tem com pais que são desestruturados então assim a gente fica com insatisfação então, nesse sentido, queríamos ter um suporte mais de equipe especializada para estar nos ajudando a resolver problemas desse tipo, que a gente fica preocupado com o futuro deles... Provavelmente é um futuro marginal, um bandido porque não teve a oportunidade, não teve com quem conversasse, não teve quem ajudasse.



#### **Participante 4**

Satisfatório é aquilo que eu te falei, o que a gente tem depois de todo um trabalho, você vê que você alcançou um objetivo que o aluno venceu e o que é insatisfatório é o contrario, é ver que você trabalhou o tempo todo e tem aluno que não progredir e você tentou e se esforçou e o aluno não progrediu, não foi pra frente.

#### **Participante 5**

Que eu fico insatisfeita... Eu fico insatisfeita quando há desinteresse, porque às vezes até aquele aluno que faz barulho... Vamos pegar o P. que você conhece ele... Ele é bem agitado mas já tá bem adiantadinho, ele faz as atividades, ele lê, ele participa... O J., participa demais, se eu tô corrigindo o dever e ele tá conversando ele pára tudo pra participar e mostra interesse... E ali, oh a gente esquece todos os defeitos dele e tem criança ali caladinha quietinha que não tá nem aí para aula... Às vezes você fica zangada com aquela criança... A B. ali é uma cadeira na sala não fala nada, tá tudo bem, tem vez que ela guarda o caderno e não pergunta nada sobre o dever, aí eu olho pra mesa dela e ueh cadê seu caderno B., ah... Terminei... Então traz pra eu ver, aí ela vai lá e faz qualquer coisa e vem me mostrar que não deu conta, é aquela criança que tipo assim não me note pelo amor de Deus, aquilo lá da insatisfação demais... E quando o aluno vai atrás de você... Você tem muita vontade... Igual eu falei pra eles, olha... Falei hoje vocês podem ir na minha mesa, podem perguntar... Você pode ver quando a minha mesa tá cheia eu tô bem, eu não tô brigando com ninguém lá não, eu to bem, tô ajudando... Cansada mais tô ajudando, eu fico feliz... Eu acho ruim quando vocês não vão na mesa, nunca me mostram o caderno, não vai atrás, isso aí deixa a gente tão triste, ah então não tá querendo nada, isso deixa a gente insatisfeita... Eu fico satisfeita quando procura ajuda quando questiona, quando corrige a gente, né... Muitas vezes você tá ali copiando um dever no quadro esquece uma letra, tia aquilo ali tá faltando uma letra... É mesmo que a gente escreve rápido... Às vezes o aluno fala alguma coisa e você dá um branquinho ali... Então assim a turma que eu tive o ano passado eles eram participativos de tudo, a gente conversava de todos os assuntos que você pensar... Então você vê que tá acontecendo esse negócio da menina que morreu, né... Isso era um assunto pra gente tá falando na sala porque eles comentavam tudo, eles tavam falando, tia você viu aquilo na televisão assim, assim e assim então a gente parava pra conversar, então isso aí é muito legal, se a criança tem intimidade pra conversar com você, mais tem uns que não ficam tia o menino aqui o menino ali... Só aquela vidinha rotineira de falar o menino ali... Mas dever não tá nem

aí o que tá acontecendo lá fora não tá nem aí é triste, é bom aquela criança participativa... Que conversa com você mesmo, que tem essa margem da criança vim conversar comigo, tem hora que eu paro a aula ali e começam a dizer coisas, tia lá na minha casa meu tio assim, minha vó assim, meu pai assim... É o momento que ele vai desabafar, vai contar uma novidade da vida dele... O V. mesmo conta cada uma... **E é até bom eles terem isso, porque a criança conta inocentemente, coisas que pra ele não é nada demais, quem tá ouvindo pára e pensa peraí isso não é assim...** Tem alguma coisa errada... E assim você começa até a respeitar mais ainda, por exemplo, a criança fala que meu pai brigou com a minha mãe, né... Igual ano passado aconteceu de um aluno meu que era hiperativo ele ficava muito sério e não tava achando jeito de chegar nele, aí quando ele foi ficando mais meu amigo ele começou a revelar coisas, no meio da aula se a gente tava falando de um certo assunto lá de família, ele tia meu pai bateu na minha mãe quando ela tava de resguardo, eu nunca vou bater na minha mulher quando ela tiver de resguardo, isso pra mim foi muito importante, eu senti que ele... Eu senti uma carência, que ele tinha essa mágoa... Aí eu comecei a chegar nele nesse ponto, vem cá V. vamos começar... Era V. H. também vamos conversar sabia que quando você crescer você vai ser um ótimo marido, você vai ser carinhoso, né... Com sua esposa, com seu filhinho... Você vai comprar as coisa pra dentro de casa que bom... Sortuda é a mulher que casar com você... Então eu comecei a trabalhar outro aspecto desse assunto que ele trouxe. Verifiquei aí foi mesmo seu pai bateu na sua mãe... Eu deixei pra lá... Pois você vai ser um grande homem, fui exaltando o lado bom pra historia e foi formando uma amizade e dessa amizade um aprendizado, e ele sendo hiperativo aprendeu ler, a mãe dele ficou tão feliz foi lá na minha casa e falou que o melhor ano da vida dela foi o de 2007 porque o filho dela aprendeu a ler... Eles tavam pegando ônibus e eles lendo o nome nos ônibus... O ano passado quando ela falou isso aí pagou tudo que aconteceu pra mim de difícil...

### **Participante 6**

O que me traz satisfação seria... É o desenvolvimento do aluno... Me traz satisfação também essa busca, sempre estudando, tá sempre procurando o que é melhor pro meu aluno tentando fazer diferente pra conseguir o desenvolvimento do meu aluno isso aí pra mim é fundamental... Agora o que me deixa triste é chegar e você ver que a sociedade não valoriza mais o profissional professor e também que, como eu poderia colocar isso, é... Que... Nem sempre o professor é chamado pra decidir, pras decisões da área de educação, a coisa já chega pronta pra você e nem sempre aquilo é o melhor, então a gente já recebe tudo prontinho vai

ser trabalhado, assim vai ser feito assim, mas nós não somos questionados sobre isso, isso me deixa muito triste, muito chateada porque eu acho que se fosse tirado da categoria seria muito melhor para a categoria e para o educando, me deixa muito triste vê que a escola pública é tão desvalorizada e por mais que a gente faça quando tem uma prova do Enem, quando tem uma prova pra saber o nível os alunos, o nível esteja tão ruim, então isso aí me deixa realmente chateada.

## **SUA CARGA HORÁRIA DE TRABALHO (LECIONAR E CARGA ADMINISTRATIVA) ATRAPALHA SEU RENDIMENTO PARA ENSINAR?**

### **Participante 1**

Não, acho ótima a divisão, tranquila...

### **Participante 2**

Não atrapalha não, acho ate que é bem dividida eu só acho assim, parte da coordenação tá super tranquila 08h30min às 11h30min, tem uma folga que é a coordenação pedagógica individual, não chega a ser folga, mas... Mas à tarde eu acho assim que a carga horária é muito extensa pra falta de recursos que a gente tem... Tem que ficar cinco horas com a criança lá, só com o lápis, a borracha o caderninho deles aquele livro horroroso que veio pra eles, então eu acho assim tá... Não oferecem recursos, né, pra gente tá ficando com esses meninos cinco horas em sala...

### **Participante 3**

Nossa carga horária é dividia em 8 horas, 5 de sala e 3 de coordenação, isso também foi uma conquista nossa ao longo dos anos que se chama jornada ampliada, ampliou pro aluno 1 hora e pra nós a gente continuou com às 8... Essas três horas de coordenação é reuniões administrativas, tem a coordenação individual, tem a coordenação coletiva né e mais algumas reuniões que a gente faz assim por equipe, então eu vejo que isso é um ganho muito grande e mesmo alguns achado que é um tempo que a gente fica ociosa as vezes é um tempo que nem dá pra nada... A gente tem que preparar as aulas, a gente precisa preparar tudo pra dar pros alunos no outro dia pra eles terem uma aula com mais qualidade, com mais recursos que nem sempre a gente tem como fazer isso em casa e no horário que o aluno tá com a gente não pode tá fazendo, então a gente tem que deixar tudo preparado prontinho pra eles é um ganho muito grande e é muito importante o tempo que a gente tem pra coordenar, depois disso a gente viu que a educação deu uma alavancada, é bem diferente do professor chegar lá e dar aula de supetão, isso foi muito bom foi um ganho

### **Participante 4**

Eu acho que ta bom... Mas pra mim acho que o ideal seriam quatro horas na minha concepção de aula, quatro horas de regência pra mim tava ótima.. Acho cinco horas muito tempo pra um aluno permanecer na sala de aula...

**Participante 5**

Não, eu gosto... Só que assim é bom a gente ter recursos, aqui a gente vai criando, vai pra quadra... Porque só sentado o tempo todo é muito cansativo, pra criança fica muito chato, dá um dever, termina, pega outro, pega outro... Mas assim é legal quando se tem recursos, igual aqui na escola a gente vai criando recurso, vai trabalhar uma letra nova pega um filmezinho de criança, fomos trabalhar com a letra V pegamos “nem que a vaca tussa”, aí a gente vai trabalhando interpretação... A gente vai criando, bolando os recursos aí pra vê se torna a aula menos chata, menos cansativa. Pra coordenação é excelente porque, igual a mim, eu tô te falando a gente planeja junto, a gente acaba sendo cúmplice um do outro (em relação aos outros professores da mesma série), porque às vezes um problema meu não é só meu é das minhas colegas, se ano que vem elas pegarem determinado aluno meu elas já vão saber o que tá acontecendo ou eu saber delas... A gente troca muitas idéias... a gente trabalha muito

**Participante 6**

Eu acho que tá bom, que essa jornada ampliada essas três horas de motivação foi assim um ganho muito grande pra categoria e foi um ganho muito grande para o aluno. Porque o professor hoje ele tem condição de realmente preparar um material melhor pro aluno, ele tem condição de fazer um atendimento de aula de reforço no horário da coordenação e assim as cinco horas aula eu acho que é importante sim, é interessante, não é só ficar cinco horas em sala de aula a gente desenvolve outras atividades fora de sala de aula que vão contribuir pra formação do aluno... eles fazem vários tipos de atividade então você precisa tá sempre buscando atividades que a criança não caia naquela mesmice de ficar sentada, de ficar quietinho que a criança não vai consegui se concentrar por tanto tempo e eu ainda sou favorável à escola integral em que o aluno passe todo dia na escola, tenha a educação desenvolvida em todos os níveis, eu acredito como profissional que na Secretaria de Educação do Distrito Federal não se leva, não se dá importância devida à prática esportiva, eu acredito que se essas crianças tivessem essa prática esportiva desenvolvida desde de pequenos nós não teríamos tantos problemas sociais como nos temos hoje, nós não teríamos tantos problemas de aprendizagem... Acho que a partir da escola integral nós poderíamos fazer isso, porque eu acho que é muito melhor que o aluno fique o dia inteiro na escola com acompanhamento especializado do que... Que ele vá pra casa ficar sozinho ou ficar na rua que realmente é o que acontece... Porque que nós ainda não temos uma infra-estrutura na rede pra que isso ocorra e também não concordo quando é implantado sem oferecer condições pra funcionar, condições

mínimas, isso aí eu sou totalmente contrária porque eu acho que se implanta tem que ser bem feito, tem que se pensar muito sobre isso também, mas o ideal seria que a escola estivesse aberta pra criança durante todo o dia...

## **E PRA VOCÊ HOJE O QUE TRAZ MOTIVAÇÃO PARA O PROFESSOR E O QUE TRAZ DESMOTIVAÇÃO?**

### **Participante 1**

O que mais eu fico pensando é em como vai ser o outro dia, que às vezes acontece uma coisa triste... E você fica poxa como é que vai ser no outro dia, vai acontecer uma coisa diferente, será que eles vão se comportar de forma diferente, então essa dinâmica de um dia pro outro é o que mais me motiva porque eu sei que um dia não vai ser como o outro... Que um dia ele vai aprender uma coisa a mais, então eu acho que essa mudança de um dia pro outro, acho que é o que mais me motiva... Eu sei que no outro dia eles podem estar bem diferentes, fazer perguntas diferente... E o que desmotiva eu já falei são... É... Palavrões, brigas... É xingamento entre eles... É isso. **Ainda pretende ser professora muito tempo?** Não... Eu me formo o ano que vem... Então assim que eu me formar quero começar a estudar pra ver o que eu faço... As oportunidades que eu vou ter... 25 anos de magistério acho que eu não vou... É muito tempo.

### **Participante 2**

O que motiva o professor eu acho que são... É os desafios, o contato com a criança, a valorização pelas crianças, os grupos de professor que você faz amizade e... É o desafio constante, desafio diário o que motiva é isso e superação consigo mesmo e o que desmotiva eu acho que é a falta de recursos, a falta de escola mais apropriada, a falta de apoio do pessoal da direção do colégio, dos coordenadores que não sabem o que está acontecendo em sala... Eu acho que é isso, o que motiva são as crianças e o que desmotiva é governo.

### **Participante 3**

O que motiva o professor é saber que mesmo com tantas dificuldades, tudo, a gente ainda consegue resultados positivos, como eu te falei da alfabetização... Você pegar um aluno com problemas e tudo, saber que na escola ele se sente melhor... É aonde ele vai ser preparado pra vida... Muitos pais não estão preocupados em estar preparando seus filhos pra vida futura, é a gente que tem que se virar mesmo... Muitos pais colocaram na escola a função de casa, muitos porque trabalham e outros porque nem trabalham nem querem desenvolver o seu papel querem jogar tudo pra escola... Então apesar disso a gente acaba tendo que fazer esse papel da família também mas isso é gratificante e traz uma satisfação pra gente grande, a gente saber que ele vai sair daqui... Não todos, mas que a maioria vai subir... A gente tá fazendo com que

a criança não seja apenas um estudante, mas um que vai aprender a ler, mais um alfabetizado... Mas que ele seja preparado pro mundo... Pra ele chegar numa empresa que for fazer entrevista que ele saiba solucionar uma solução-problema de surpresa ali que derem pra ele, que ele entenda seus direitos e deveres como cidadão também, porque hoje em dia se a gente não entender, as pessoas mais espertas passam por cima da gente atropelam mesmo... O enfoque de tudo é esse, é saber que a gente pode estar investindo em outra vida e que ela possa tá fazendo diferença lá na frente... E o que desmotiva é o salário, o salário é horrível e desmotiva... A falta de recurso que te falei, de espaço. Falta de espaço de recursos técnicos desmotiva.

#### **Participante 4**

O que tá desmotivando eu acho que é o sistema educacional como um todo, eu fico muito decepcionada com o sistema como um todo, você vê que não tem progresso na educação você não vê a educação progredir, isso não é uma falha... Ah, é professor, é a escola, o problema vem do sistema e a motivação eu acho que é justamente em pensar que isso um dia vai mudar, tem que mudar um dia, eu acho que isso é a motivação que as pessoas tem pensar que um dia a educação vai melhorar.

#### **Participante 5**

Motiva o professor é a vontade de ajudar o aluno, acho que esse é o grande... E a grande motivação a vontade de falar poxa eu quero levar esse menino até e ponto, é você pegar uma turma e falar eu consegui chegar, acho que é uma vaidade igual o médico, o médico pegar um doente e falar olhe eu peguei, operei e deu certo, tá lá na casa dele e tá bem... É isso que a gente quer, acho que é o grande motivador... A grande motivação do professor é pegar aquela criancinha, ele passou por mim e aprendeu isso aqui... E o que mais desmotiva é quando a criancinha tá sozinha, às vezes você pensa, puxa eu acho que precisava do pai vir aqui, a mãe vir aqui, alguém vir aqui saber se a criança tem problema, se tá precisando de carinho de uma conversa, uma atenção ou às vezes só vir aqui na porta buscar ele, levar. Tem muitos casos que a gente só pede a presença dos pais pra tá levando e buscando a criança na escola, já muda muita coisa, muda muito mesmo, a criança... Já aconteceu muitas vezes você pode perguntar pra qualquer professor, às vezes assim só do pai mostrar a cara dele na escola já da aquela sensação, eita ferro, tô sendo vigiado, tem alguém cuidando de mim... E quando a



criança fica meio largadinha assim... Ele fica pra que eu vou me esforçar tanto... Ele não vê sentido na escola...

### **Participante 6**

Acho que o grande motivador do profissional ainda é o desenvolvimento do aluno porque não tem nada melhor do que vários anos depois você encontrar um aluno que tá no mercado de trabalho, que continuou os estudos e o que mais me desmotiva é quando eu encontro meus alunos já adultos e pararam de estudar, ah mas porque você parou ah, porque eu tive que trabalhar... Ah, porque a carga horária do meu trabalho não era compatível da escola ou porque ele não se adaptou à escola... Então como eu falei no início sempre no final do ano o que me preocupa não foram os alunos que conseguiram um desenvolvimento é aquele aluno que eu sinto que ele não desenvolveu todas as potencialidades que ele poderia ter desenvolvido, então esse é o aluno que me deixa preocupado e o que desmotiva é isso, encontrar esses alunos no futuro e perceber que aquele probleminha que eu já havia detectado no início que ele foi virando uma bola de neve e que hoje o aluno tá fora da escola, ele não concluiu os estudos, isso aí pra mim é uma tristeza muito grande.